

Nosso perfil e vestibular 2020

Oi, vestibulando (a)!

Os dados aqui apresentados foram coletados e organizados com o engajamento de 40 alunos da turma 19, ingressante em 2020 no bacharelado em Relações Internacionais pela Universidade de São Paulo (cerca de 2/3 da turma de um pouco mais de 60 alunos),

Este é um levantamento complementar à [cartilha](#) divulgada em abril de 2020.

ÍNDICE

04

Sobre a turma

07

Ensino médio e Cursinho

08

Vestibular

11

Depoimentos

26

Redações

A numeração está de acordo com as páginas do documento.

Este documento não possui vínculo oficial com a Universidade de São Paulo.

Antes de começar a leitura desta cartilha, entenda **nossas motivações** para fazê-la:

Por que é importante conhecer o perfil da turma?

A USP destina um número de vagas às cotas e adota o Sisu como forma de entrada, indo de encontro à compreensão dos desafios que enfrentam diferentes estudantes e, apesar de restrito, facilita o ingresso por alunos de diversas realidades. À medida que essa política de acesso é colocada em prática, o perfil do Instituto de Relações Internacionais muda.

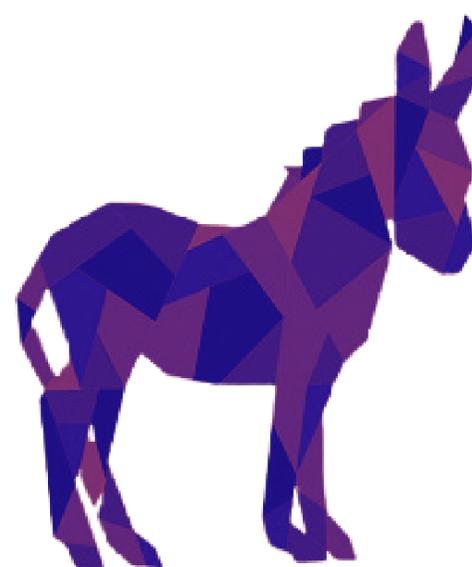
Conhecer o perfil da turma é fundamental para visualizarmos o quão diverso e, ao mesmo tempo, o quão elitizado é o espaço que ocupamos. Esse levantamento se destina, então, não apenas aos vestibulandos que desejam conhecer o perfil da turma ingressante em 2020, mas também aos estudantes do IRI, em especial à própria turma 19. Pretendemos que a iniciativa incentive o debate e a consciência do espaço que formamos, ano após ano.

Assim, se acreditamos que o IRI é construído, essencialmente, pelas pessoas que o compõem, conhecer o perfil dessas pessoas e a perspectiva delas sobre o mundo é fundamental para entender quais olhares se voltam sobre o estudo das relações internacionais no Brasil.

Por que é importante falarmos de vestibular depois que já fomos aprovados?

Ao reconhecer a amplitude de realidades que os estudantes do país enfrentam e a estrutura excludente que o vestibular, por vezes, reforça, essa é uma discussão que deve permear o espaço universitário. A partir da consciência dos diferentes desafios que vestibulandos encontram e dos privilégios dos quais muitos de nós usufruímos, queremos compartilhar alguns dos obstáculos que enfrentamos.

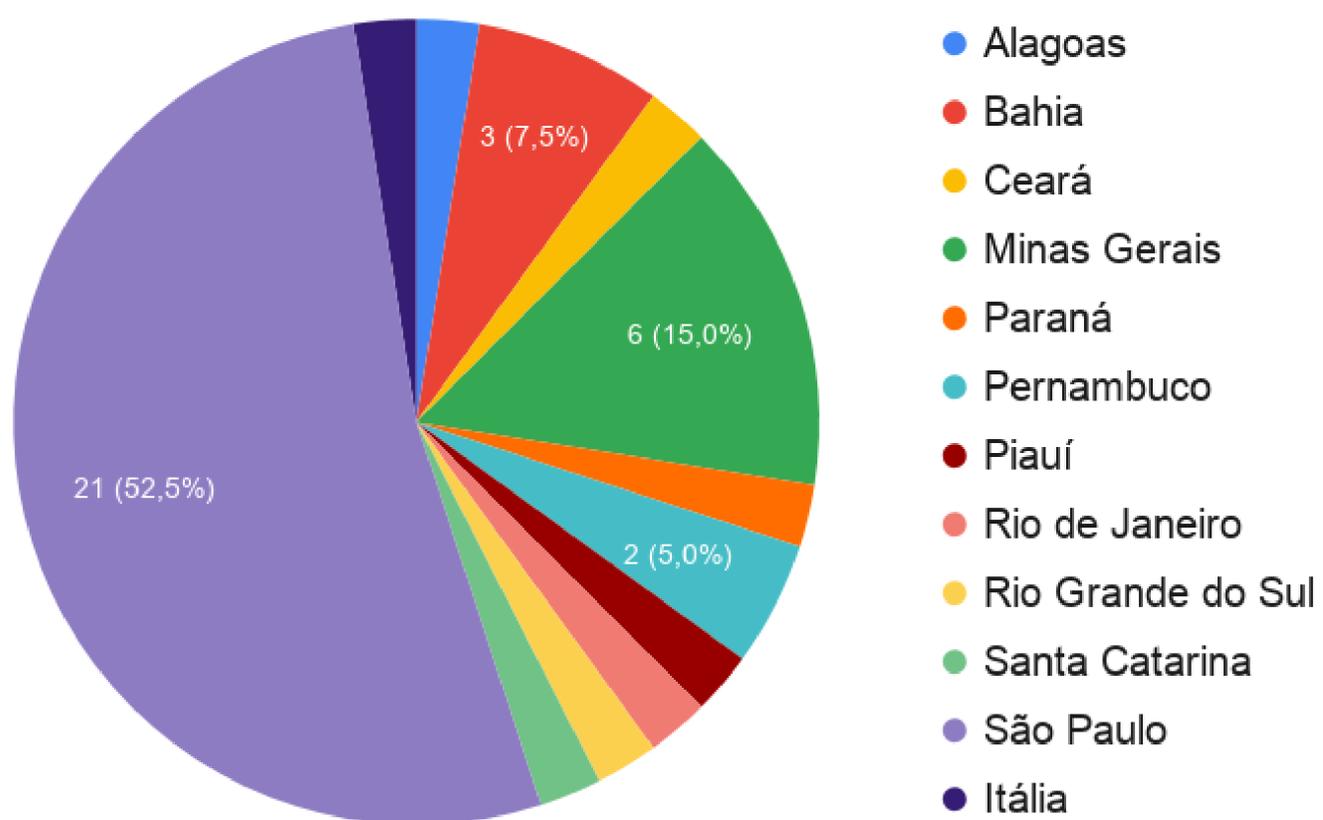
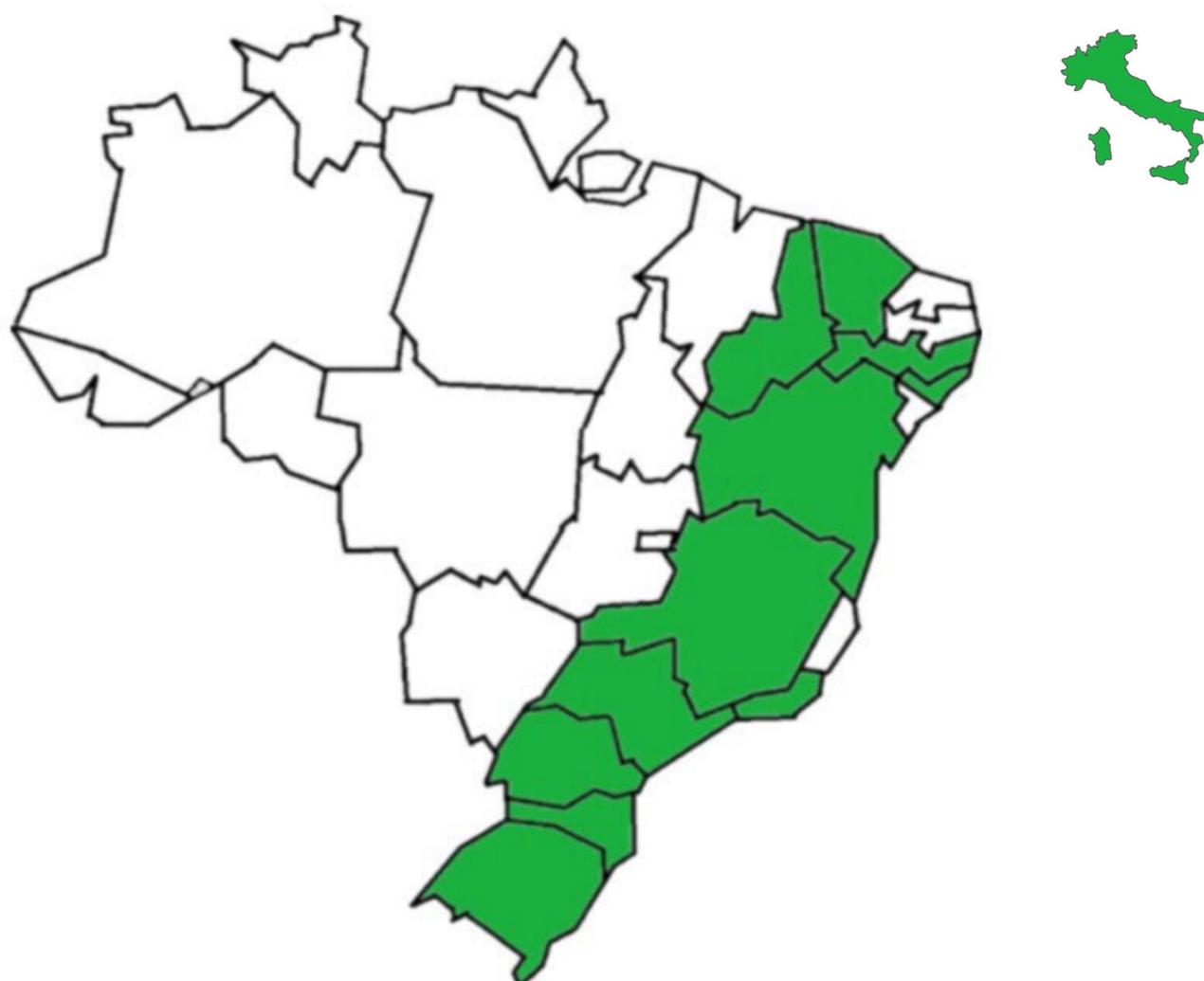
Sabemos que o ingresso na USP também depende de fatores externos ao estudante e que falar sobre as experiências pessoais de quem já foi aprovado pode servir de referência para quem passa pela preparação para o vestibular no ano de 2020. Mais ainda, muitos depoimentos servem de registro e espelho do que a turma 19 viveu até passar em RI na USP e, novamente, constroem um espaço de diálogo na universidade.



Sobre a turma

De onde vem a T19?

A T19 é bastante diversa, com pessoas de vários lugares do Nordeste, do Sudeste, do Sul e até de outro país!



País	Quantidade de pessoas
Brasil	39
Itália	1

Estado	Cidade	Quantidade de pessoas	Total do estado
Alagoas	Maceió	1	1
Bahia	Salvador	3	3
Ceará	Fortaleza	1	1
Minas Gerais	Belo Horizonte Ipatinga Ouro Branco Uberaba	2 1 2 1	6
Paraná	Foz do Iguaçu	1	1
Pernambuco	Recife	2	2
Piauí	Picos	1	1
Rio de Janeiro	Duque de Caxias	1	1
Rio Grande do Sul	Nonoai	1	1
Santa Catarina	Blumenau	1	1
São Paulo	Araraquara Bálsamo Bragança Paulista Guarulhos Itapeva Jundiaí Ribeirão Preto Santa Isabel Santo André São José dos Campos São Paulo São Vicente	1 1 1 1 1 2 1 1 1 1 9 1	21

8 pessoas são do Nordeste, 28 do Sudeste e 3 do Sul. 1 pessoa é de outro país, mas mudou-se há alguns anos para São Paulo.



18 anos é a idade de **metade** da turma

4 estudantes têm 17 anos, 9 têm 19, 5 têm 20 e 2 têm 21

64,1% se identificam como **brancos**

28,21% se identificam como **pardos**



5,13% se identificam como **pretos**

2,56% se identificam como **amarelos**



32,5%

se identificam como **homens**



67,5%

se identificam como **mulheres**

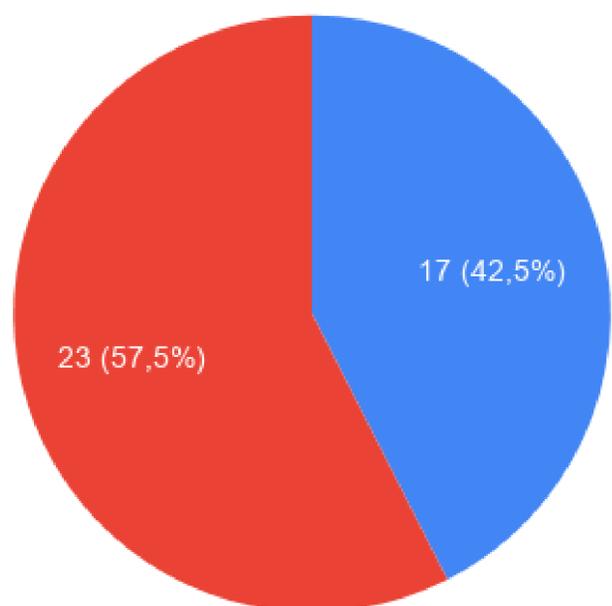
43,59%

se consideram parte da **comunidade LGBTQIA+**
(11 mulheres e 6 homens)

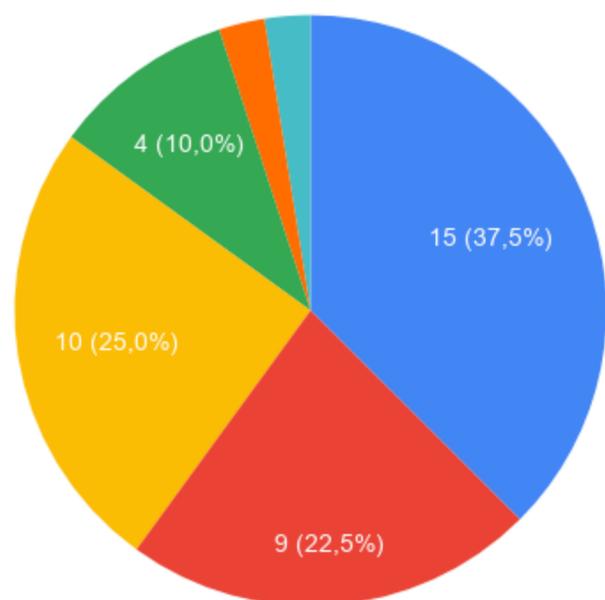


Ensino Médio e Cursinho

Onde a T19 estudou? Fizemos cursinho?



- Escola pública
- Escola particular



- Direto do terceiro ano do Ensino Médio, sem cursinho
- Direto do terceiro ano do Ensino Médio, fazendo cursinho
- Fazendo cursinho, em seguida ao término do Ensino Médio
- Fazendo cursinho, um tempo após terminar o Ensino Médio
- Sem fazer cursinho, um tempo após terminar o Ensino Médio
- Outro

Mais sobre a T19

Dos que estudaram em escolas públicas, a maioria vem de **escolas técnicas** e de **institutos federais**, seguidos de escolas públicas regulares e colégios de aplicação

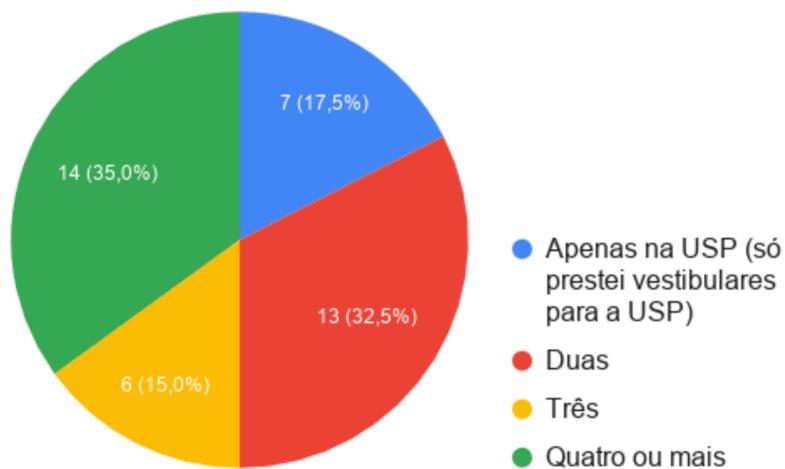
Daqueles estudantes que fizeram cursinho preparatório, grande parte era **bolsista de cursinhos pagos**, e a minoria fez cursinhos populares/comunitários

A maioria dos ingressantes que fizeram **cursinho** ficaram lá por **um ano**

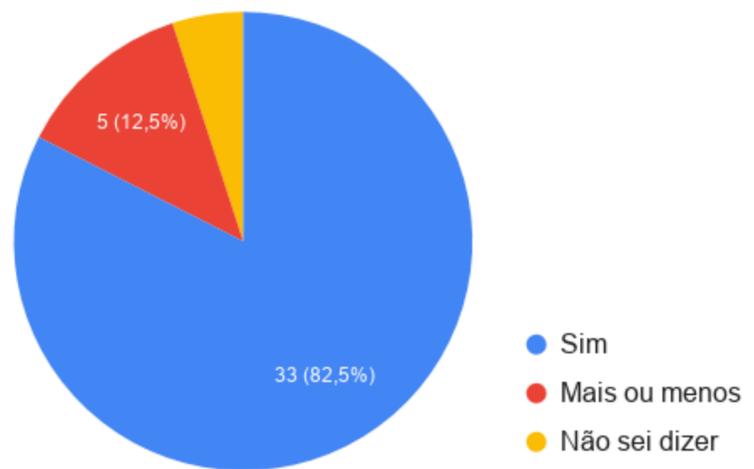
Vestibular

29 pessoas ingressaram no IRI por meio da Fuvest (72,5%), 10 pelo Sisu (25%) e 1 por transferência interna (2,5%)

Você foi aprovado em quantas universidades?



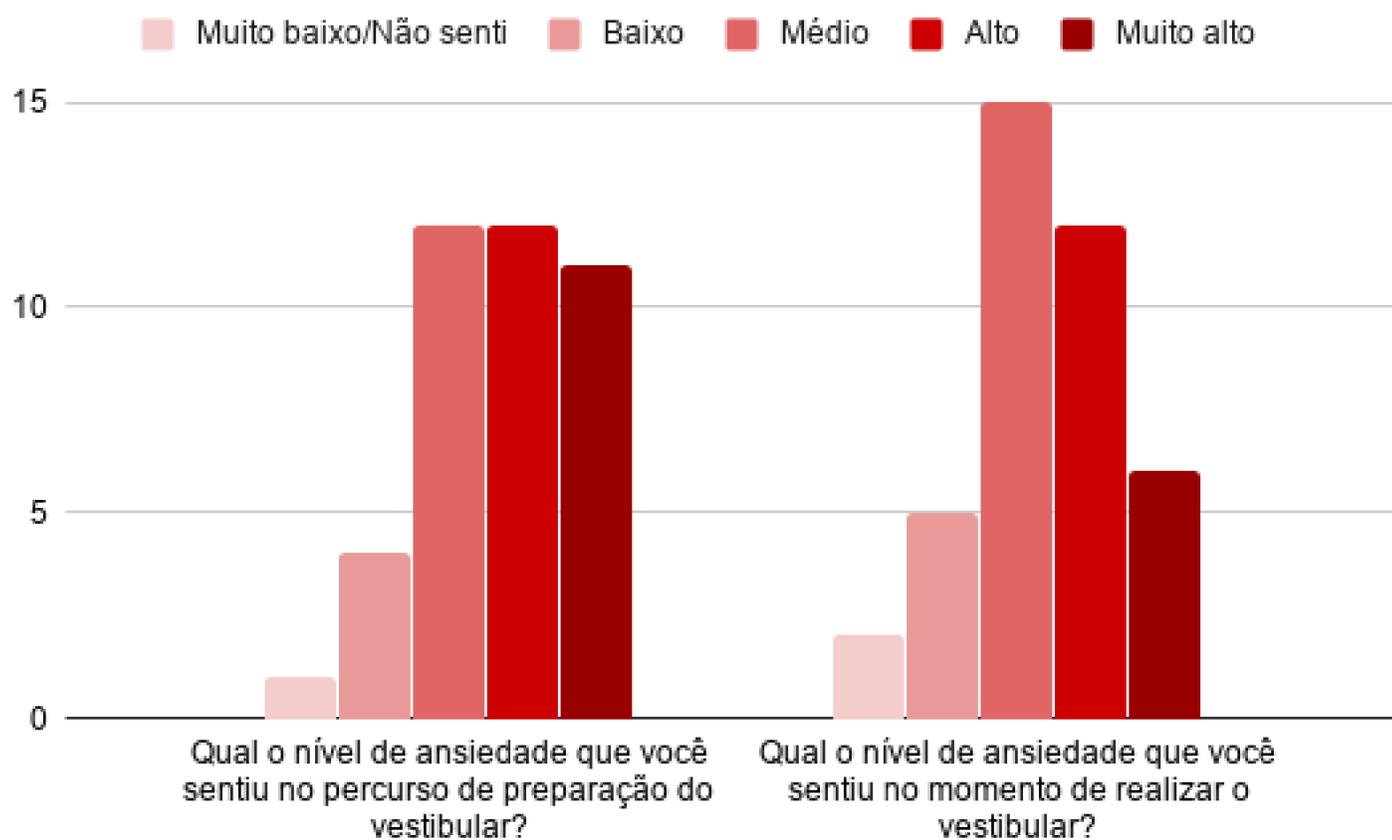
Você sente que seu esforço como vestibulando foi recompensado?



Ansiedade no vestibular

Em relação ao percurso de preparação para o vestibular, a maioria da turma sentiu ansiedade **entre os níveis médio e muito alto**

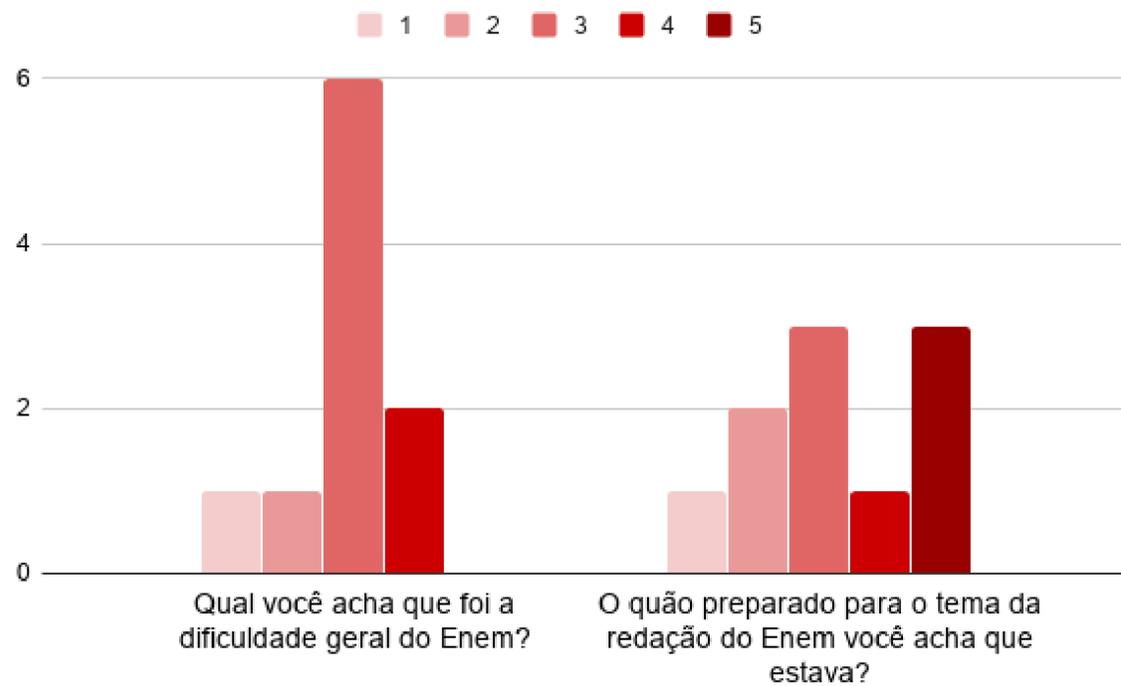
No momento de realizar o vestibular, o nível de ansiedade tendeu a ser relativamente menor que no momento de preparação, com foco nos **níveis médio e alto**



Enem

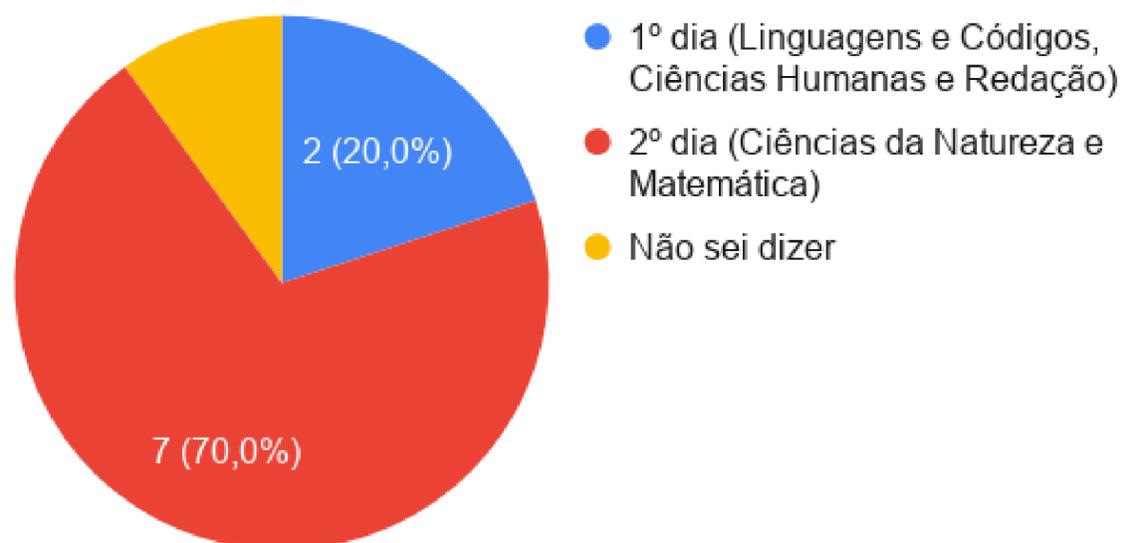
10 respostas

Dificuldade e nível de preparação

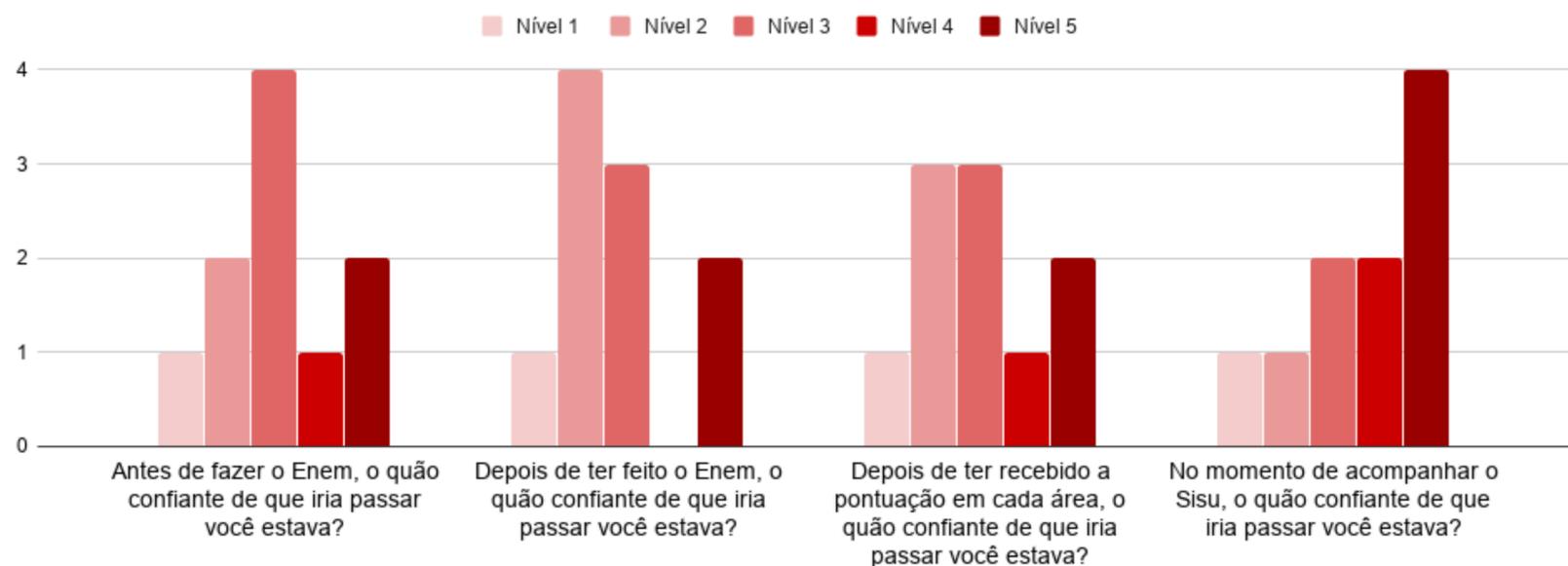


Numeração gradativa de nível 1 (muito baixo) a nível 5 (muito alto).

No Enem, qual prova achamos mais difícil?

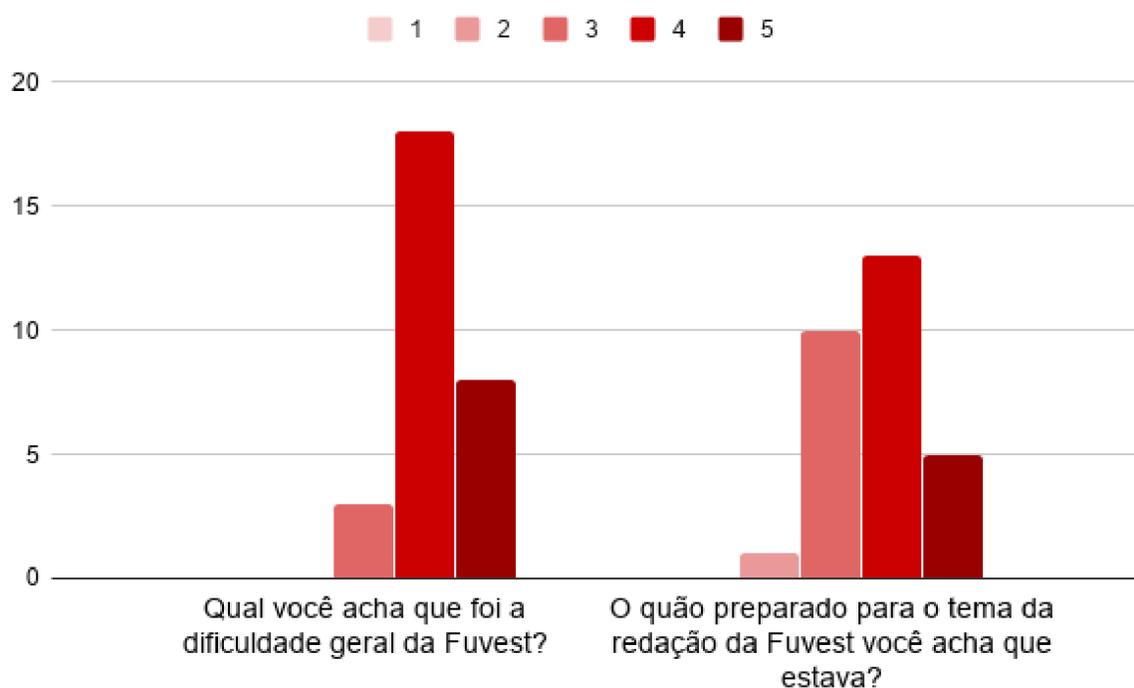


Nível de confiança



Numeração gradativa de nível 1 (pouco confiante) a nível 5 (muito confiante).

Dificuldade e nível de preparação

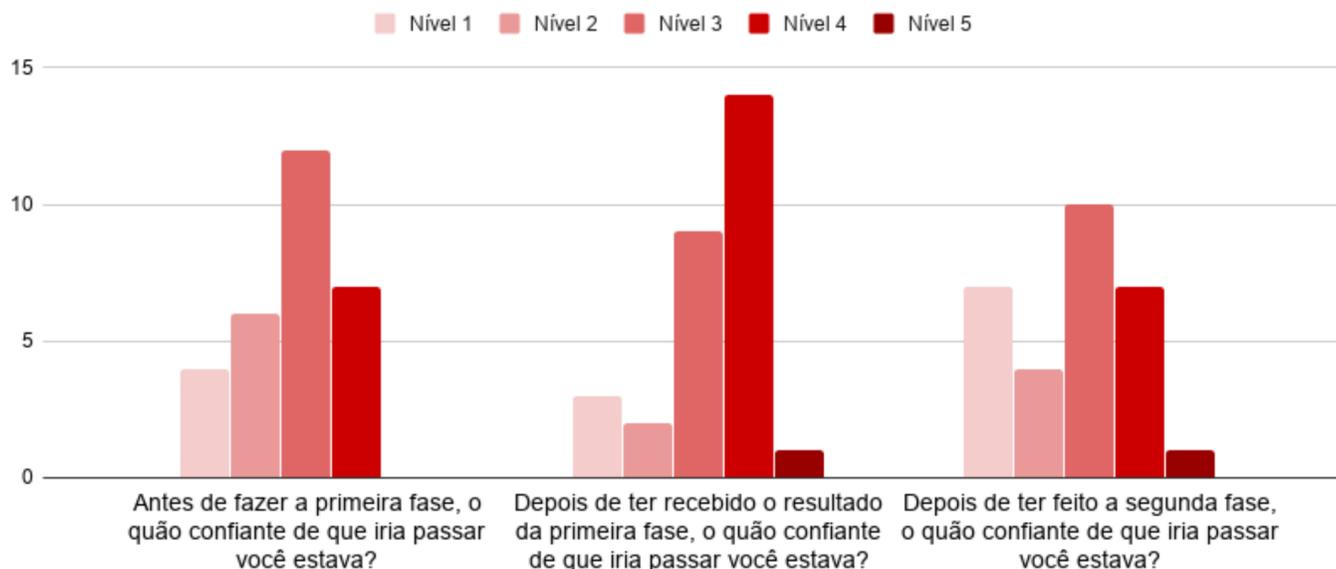


Numeração gradativa de nível 1 (muito baixo) a nível 5 (muito alto).

Na Fuvest, qual prova achamos mais difícil?



Nível de confiança



Numeração gradativa de nível 1 (pouco confiante) a nível 5 (muito confiante).

Depoimentos

Venha conhecer um pouco das histórias da turma!

Bruno Tavares

17 anos, de Maceió, Alagoas

Oi, gente!

O meu ano de vestibulando foi um ano muito... intenso. Confesso que tive muitos altos e baixos. Pra começar, gostaria de falar que eu não sou de São Paulo. Sou de Maceió, Alagoas. Aqui a gente não tem cursinhos que são suuuper especializados em Fuvest, não que eu saiba. A didática dos colégios e cursinhos daqui é mais voltada ao Enem, ou então a alguns vestibulares locais/regionais, como os da Uncisal, da UPE e de algumas particulares. Então tinha muita coisa desconhecida pra mim sobre a Fuvest.

Desde o começo do ano eu sabia que eu queria estudar em outro lugar, mas ainda não tinha nem escolhido o curso. Fui escolher um pouco depois do começo, com algumas incertezas. Com isso, veio uma outra questão: onde estudar? No meu estado não tem nenhuma faculdade que oferece presencialmente Relações Internacionais e as públicas mais próximas estavam em Sergipe e na Paraíba. Depois de pesquisar um pouco, decidi que eu iria direcionar meus estudos para tentar entrar ou na USP ou na UnB.

Foi uma trajetória bem complicada. Como eu falei, a gente não tem muito conhecimento sobre a Fuvest aqui. Porém, muita gente da minha sala também queria fazer Fuvest, então a gente acabou se ajudando em questão de pesquisa, de materiais e essas coisas. Conte também com alguns materiais que o meu colégio usava, que felizmente tinham um direcionamento maior para vestibulares como os de São Paulo, mas muita coisa a gente tinha que correr atrás.

Ao longo do tempo, o estudo se tornava cada vez mais exaustivo. Eu tentava fazer calendários de rotina, não davam muito certo. Lembro que cheguei em outubro e ainda não tinha acabado parte do conteúdo. Estava eu nas vésperas do Enem (e da Fuvest) estudando coisa que eu não sabia muito ainda. Mas é assim mesmo, não dá pra gente saber de tudo, e as provas exigem muitas outras coisas além de responder certo tipo de questão sobre certo conteúdo.

Um fator extremamente necessário nesse processo é o psicológico. É muito importante prezar pelo respeito aos limites do seu corpo e pela sua saúde mental. Isso faz muita diferença. Se puder, tente ter um acompanhamento psicológico, faça exercícios, busque ter intervalos entre os estudos para poder relaxar um pouco, aproveite as oportunidades que aparecerem.

Como eu falei, meu ano foi marcado por muitos altos e baixos. 2019 foi um ano muito interessante na minha vida, mas ao mesmo tempo bem desgastante em alguns sentidos. Acho que o que me ajudou bastante foi ter gente ao meu lado que me apoiava e que estava passando pelas mesmas coisas. Eu sentia que não estava tão sozinho.

Quando fui fazer a primeira fase da Fuvest, foi uma experiência bem interessante. Não por fazer a prova em si, mas por estar em São Paulo e poder aproveitar a cidade um pouco com os meus amigos. Depois que ela passou (e até antes), pude passear um pouco e aproveitar o momento. Depois, quando voltei para Maceió, ainda consegui sair um pouco, é importante até para espairer.

Para me preparar para a segunda fase, foi uma situação um pouco tensa. Eu sabia que teria que fazer provas dissertativas, mas não tinha treinado muito. Uma dica que eu dou é conhecer melhor o formato da prova e saber o que os comandos das questões pedem, e já ir treinando táticas de resposta. Eu só fui fazer isso em dezembro... Uma coisa que me ajudou muito foi treinar redação. Eu treinava muito a escrita de redação no modelo Enem, tentava fazer uma redação por semana, mas não se compare, cada pessoa tem o seu ritmo. No meio do ano, assinei uma plataforma online para poder ter correções com o modelo da Fuvest. No fim, redação me ajudou muito a passar na segunda fase.

Depois que o período dos vestibulares passou, ficou aquela tensão de “será que eu passei?” e nessa parte é muuuito importante ocupar a mente. Eu tentava me distrair vendo série, indo à praia ou ao cinema, esse tipo de coisa. Quando o resultado do Enem chegou, fiquei um pouco triste. Minha nota não tinha sido muito boa para passar no Sisu. Eu já sabia que pelo Sisu provavelmente eu não ia passar, mas quando chegou o momento de botar a nota e perceber que não dava pra passar, me desesperei um pouco. Já estava até mudando meus planos, tentando colocar minha nota em faculdade de outro estado. Eu tinha também colocado anteriormente minha nota pelo acesso Enem da UnB, mas o resultado só ia sair um pouco depois (não estava muito esperançoso, mas consegui passar na segunda chamada). Felizmente, descobri, no dia 24 de janeiro, que eu tinha passado pela Fuvest. Na hora que saiu o resultado, minha amiga tinha feito uma ligação para mim falando que eu tinha passado, foi um dia tão feliz, era uma sensação muito boa de “EU PASSEIII AAAAAAA”.

Depois disso, tive vários momentos legais de comemoração. Tive momentos de despedida também, já que estava me mudando para outro estado. Lembro que antes mesmo de ir eu já estava ficando com saudades. Sim, eu sei, eu queria ir pra outro lugar, mas quando a hora realmente chegou, me bateu essa sensação. E é aqui que eu gostaria de passar uma mensagem, principalmente para as pessoas do Norte e do Nordeste. Sei que talvez para muitas pessoas a USP possa parecer tão distante. Muitos não têm sequer oportunidades de pensar em estudar na USP. A USP está de portas abertas para vocês, não importa se você não for de São Paulo, ela é uma universidade pública. Infelizmente, ainda é muito elitista, tem muitas coisas pela frente para percorrer, e a maneira de ingressar nela não é nada fácil (e nem justa), mas se você estiver pensando em estudar aqui, saiba que é um direito seu e você é mais que bem-vindo.

Por fim, gostaria de deixar uma mensagem final: cada coisa no seu tempo. Tente não se comparar muito com os outros, cada pessoa é única e tem histórias e experiências diferentes. Nem todo mundo passa de primeira, nem todo mundo sabe com segurança o que quer cursar, e tá tudo bem. A gente acerta, a gente erra. A gente sonha e tem objetivos de vida, mas também tem dúvidas.

E foi isso. Sou um dos organizadores das cartilhas e espero muito que elas possam ter ajudado vocês.

Tchau, e até ano que vem, T20!

Júlia Ritto

17 anos, de Jundiaí, São Paulo

Sempre fui muito ansiosa e no ano do vestibular (também terceiro do médio) tinha muito medo que essa ansiedade me atrapalhasse no dia da grande prova. O que considero ter sido essencial para reduzir minha ansiedade, foi conhecer bem a prova (no meu caso, a fuvest) fiz todas as edições desde 2013 e recomendo bastante. Conhecer a prova desmistifica muito do monstro que criam em cima dela, você se familiariza com o tipo de questão e possíveis pegadinhas e sabe melhor em que matérias deve focar seu estudo. Também é necessário ter em mente que uma prova nunca irá definir sua vida, e sempre há tempo para tentar novamente. Não deixe o medo de fracassar ser mais um fator para dificultar seu objetivo final, o preparo mental é tão importante quanto saber as matérias no dia da prova. Estou disponível para tirar dúvidas específicas e compartilhar mais da minha experiência com quem se interessar, meu instagram é @juliaritto.

Depoimento anônimo

Meu terceiro ano foi caótico. Fazia curso técnico junto com o Ensino Médio - tentava conciliar estágio, tcc, vestibular e provas. Tive crises terríveis de ansiedade durante todo ele, mas principalmente no estágio final. Minha autoestima estava terrível e tinha certeza que não conseguiria entrar em um curso tão concorrido. Mas consegui. Sim, tenho orgulho desse meu caminho, mas hoje penso se valeu a pena o dano psicológico dessa aprovação. Então, acima de tudo, pense na sua saúde em primeiro lugar. Tudo tem seu tempo e o curso sempre estará de portas abertas.

Depoimento anônimo

Minha preparação para a fuvest (primeira fase) foi bem precária, tendo em vista que eu fazia técnico integrado (com matérias de curso técnico junto com as básicas do ensino médio), além de trabalhar com pesquisa e participar de diversos projetos extraclasse, então realmente não havia tempo hábil para estudo voltado para o vestibular, fui somente com o que aprendi em sala, o que me fez ficar extremamente apreensiva e receosa com meu resultado. Para me acalmar, tentei manter em mente que a fuvest é um dos testes para ingresso no ensino superior mais difíceis aplicados no país e que milhares de pessoas não passam de primeira, se eu não passasse, não estaria sozinha, não deveria me sentir mal. Quando passei para a segunda fase (coisa que minha irmã já tinha feito um ano antes), fiquei mais apreensiva. Claro, tinha passado, o que já era uma barreira a menos para entrar na USP, mas ainda assim, a segunda fase é muito mais complexa que a primeira. Assim que recebi a notícia comecei economizar e guardar o dinheiro da minha bolsa de pesquisa para que assim que viesse para São Paulo, entrasse em um cursinho (como só ficaria nele pelo período de 1 mês, consegui um desconto considerável, considerado como bolsa parcial). Nesse vai e vem passava a manhã toda estudando, para de tarde trabalhar e de noite descansar para o dia seguinte, mas o tempo no cursinho me fez aprender os métodos de avaliação da segunda fase da fuvest e como me adaptar ao tempo que teria durante a prova, o que me ajudou bastante no dia de fazê-la. No final das contas, vi que, claramente, o conteúdo importa demais nas provas (ambas primeira e segunda fase), porém somente ele não faz a pessoa passar, mas também técnica e método são extremamente necessários para sair bem na prova.

Julia Rocha

18 anos, de São José dos Campos, São Paulo

A fuvest me assustava desde o começo do meu ensino médio, todos falam como é um dos vestibulares mais difíceis, e o curso de RI é realmente bem concorrido. Eu tinha tanta certeza que a prova era impossível que acabei desistindo dela no terceiro ano do EM, e por coincidência não passei na minha primeira opção, então resolvi fazer cursinho. Mas já que estava no cursinho, decidi tentar a fuvest de verdade, sabe? Fiz as provas antigas, fazia todos os exercícios da fuvest que eu via, foi um ano pesado, mas quando eu fui fazer a prova propriamente dita, já estava tranquila e conhecia como era a prova, aí tudo fluiu melhor.

Luccas Ferrare

21 anos, de Guarulhos, São Paulo

Comentando um pouco da minha história, terminei meu ensino médio regular em 2016. Foram 3 anos muito conturbados, pois o nível da escola vinha caindo muito, tanto que no ano seguinte ela faliu. Não podia sair de lá, pois dependia da grande bolsa que tinha. No começo de 2017 eu estava sem rumo, pois não tinha passado, precisaria fazer um cursinho, e não tinha dinheiro para pagar. Em março arrumei um emprego como jovem aprendiz e fiz prova de bolsa no Anglo de São Paulo. Fiquei um ano usando mais de 90% do meu salário para pagar o curso, e não passei. Em 2018, fui promovido no trabalho e consegui uma bolsa consideravelmente melhor no cursinho, mas não passei por um ponto na 1ª fase. A frustração foi imensa no começo de 2019, passei meses me sentindo muito mal. Depois de muito pensar e ouvir as pessoas, decidi fazer mais um ano de cursinho, do qual já estava desistindo junto com o meu sonho de entrar na USP. A diferença é que nesse ano eu decidi começar uma faculdade para fazer paralelamente. Me matriculei em uma faculdade perto de casa num curso de Gestão de Recursos Humanos em EAD (hoje estou no último semestre). Mudei completamente minha tática no cursinho, decidi fazer exercícios e provas durante as aulas e prestar menos atenção na matéria em si. Essa mudança foi muito boa, passei a ir melhor nos simulados. No fim do ano, tirei férias em novembro e fiquei todos os dias no Anglo praticamente o dia todo para tentar cobrir os buracos deixados ao longo do ano. Em janeiro de 2020 recebi meu melhor presente de aniversário, a aprovação. Foram os anos mais difíceis da minha vida, dormia quase toda aula pois estava exausto, dormia 6 horas por dia, 4 horas de transporte público, tive que tomar remédios pra ansiedade, o choque de ser a 1ª vez que fazia a segunda fase, da qual saí muito abalado nos 2 dias porque cometi erros bestas, mas sempre tive muito apoio da minha família e amigos. Se pudesse recomendar algo aos vestibulandos seria para acharem a melhor forma de estudar que se encaixa com sua realidade particular. Nem todos que entram na USP estudaram nos melhores colégios. Da mesma forma que não uso minha história pessoal para me tornar um mártir, ou endossar algum tipo de meritocracia. Acredito apenas na importância de se ter um sonho, e que ele pode mudar tudo. Essa era minha motivação, não nos dias ruins, mas na maioria dos dias.

Isabela Bittencourt Vieira

20 anos, de São Vicente, São Paulo

Comecei a fazer cursinho enquanto ainda estava no terceiro ano com a ideia de prestar medicina, por ser um curso tradicional e que oferece um futuro seguro. Não passei e fui para o segundo ano de cursinho com a certeza de não querer ser médica mas sem saber o que prestar, tomei a decisão de prestar economia poucos dias antes de fechar o período de inscrições da fuvest e, não para minha surpresa (já que eu sempre estive profundamente indecisa) poucos dias antes da prova eu decidi que não queria mais ser economista. Passei em economia na USP e não fui, decisão da qual nunca me arrependi. Precisei de quase um mês me informando sobre o curso de RI para decidir que era isso que eu queria prestar - nunca idealizei o curso, mas me apaixonei pela grade e por todo o campo de estudos que ele me oferece. Meu tempo de vestibulanda foi difícil, mas sempre tive o privilégio de não precisar trabalhar, então estudava por várias horas além do tempo do cursinho. Abri mão de muito da minha saúde mental e vida social sem a menor necessidade, mas por pura insegurança. Minha dica é: estudem bastante, mas priorizem sempre a saúde mental.

Breno

19 anos, de Bragança Paulista, São Paulo

Bom, vamos lá. Eu terminei o EM em 2018, fiz FUVEST e ENEM, mas não passei em nenhuma das duas (na FUVEST eu fiquei em último lugar da segunda fase). No ano seguinte eu assinei o Descomplica e comecei a estudar pela internet. Enquanto isso, trabalhava como jovem aprendiz de meio período. Então, eu costumava trabalhar de manhã e estudar tanto de tarde quanto de noite. Eu estudei quase um ano todo num mesmo estilo: usava a tarde para assistir vídeo aulas gravadas (preferia as versões gravadas para conseguir aumentar a velocidade) e de noite resolvia questões. No sábado, eu treinava redação e em alguns domingos fazia redação. Acho legal dizer que não era tãããão fiel assim a essa rotina. Assim como vocês devem sofrer, às vezes eu acabava passando algum tempo sem fazer nada simplesmente por motivo nenhum.

Minhas dificuldades foram muito mais com o ato de estudar (especialmente física kkk) que problemas estruturais ou psicológicos. Mas entendo que esses dois casos são ainda mais difícil. No começo do ano, eu segui nas redes sociais várias pessoas que falavam de vestibular, mas percebi que isso era terrível para mim, porque isso me fazia pensar nas provas o tempo todo. No fim, eu apaguei todas as minhas redes sociais porque não aguentava mais cuidar da vida dos outros. Recomendo.

Assim pessoal, sendo sincero (até porque vocês já devem ter percebido) vestibular é uma merda para todo mundo. Você se sente cansado, sente que tudo foi inútil e que não vai conseguir. E talvez isso seja verdade, mas se você não tentar, também vai se arrepender, então por que não tentar a opção em que pode te levar pra uma USP?

Na hora do vestibular, sinceramente, eu não me lembro do que eu pensava (acho que exclui o trauma). Acho que eu só senti que não tinha mais nada o que fazer naquele momento, e aquele esforço meu de um ano tinha que valer de alguma coisa e bom... Valeu.

Sobre o que me motivava, acho que era saber exatamente onde eu queria chegar. Não estou falando sobre o curso de RI na USP, mas sobre sonhos que me deixam muito felizes ao imaginá-los e depois lembrar que o curso vai me ajudar a chegar nesses sonhos. Além disso, eu tenho uma amiga que estuda na USP que sempre me ajudava nesse negócio de se manter motivado. Acho que nossas amizades são muito importantes nesse ponto.

Eu não mudei muito minhas formas de entretenimento após entrar no vestibular. Quando era pra me divertir, eu buscava ao máximo coisas que me faziam esquecer do vestibular. Recomendo filmes de animação e comédia romântica.

Quando saiu o resultado eu estava no meio do trabalho, então não pude comemorar na hora. Quando cheguei em casa, parecia que minha ficha não tinha caído ainda. Quando percebi, estava viajando para a casa da minha avó e do nada falei no meio do carro "eu passei na USP...". Foi muito bizarro.

De verdade gente, vestibular não é bom. Vestibular é uma coisa horrível e eu preferiria que não fosse necessário fazê-lo para entrar na faculdade. Mas isto foi justamente o que eu levei de aprendizado para esse momento da minha vida: se você sofreu para conseguir algo que te deixou feliz, viva para que outras pessoas recebam as mesmas alegrias que você sem que precisem sofrer.

He he... Desculpem o tamanho, mas espero que tenha sido útil.

Iana da Hora

19 anos, de Salvador, Bahia

Bom, passar pra RI na USP foi uma surpresa agradabilíssima. Eu venho de instituto federal e precisei estagiar pra conseguir meu diploma de ensino médio integrado ao técnico em automação industrial, então mesmo terminando a parte teórica do curso, frequentava o colégio três vezes na semana por oito horas, auxiliando um professor e realizando a montagem de uma rede fieldbus que entraria no meu relatório final de estágio. Pra conseguir me mudar para São Paulo eu precisaria de dinheiro, então também trabalhava como aprendiz em um hospital, no laboratório de análises clínicas, por quatro horas todos os dias. Isso me cansava muito. Depois de quatro anos no IFBA, eu também estava psicologicamente exausta, então acabei não me dedicando ao vestibular. Fiz enem e comvest, não esperava passar em nenhum. Passei em ambos! Eu estava tão descrente que até fiz prova para bolsa num cursinho pré vestibular, recebi desconto de 80% e cursaria durante 2020 e, somente em 2021 eu ingressaria na Universidade. Mas para minha surpresa passei em RI na USP, minha primeira opção, também passei em Ciências Sociais na Unicamp.

Marina Viau Furtado

19 anos, de São Paulo, São Paulo

Eu me preparei para o vestibular estudando em um colégio que tinha ele como foco, Colégio Vital Brazil, em que os três anos de ensino médio tinham integral (das 7:15-17:30) e no terceiro ano simulado a cada 15 dias no fim de semana. Foi um ano estressante em que eu me cobrei muito, não fiz nada pela minha saúde (como praticar esportes e comer de um jeito saudável) e no meu tempo livre saía com meu ex namorado. Eu sentia muita pressão para passar direto da escola no vestibular, e eu também tinha muita dúvida sobre que curso prestar. Desde o segundo ano do ensino médio eu queria Relações Internacionais, porém, não tinha contato com pessoas que faziam o curso, e eu lia muito que o mercado de trabalho era ruim. Assim, acabei prestando Medicina Veterinária, porque além de gostar de animais, minha mãe tem essa profissão e trabalha na USP, então imaginei que seria mais fácil. Quando eu vi meu nome na lista de aprovados, eu não senti a felicidade que era esperada, eu fiquei aliviada, e a USP era meu sonho, mas no fundo eu sabia que não era o que eu queria (tanto que eu tenho conversa no facebook de fevereiro do ano que eu ingressei conversando com uma menina que entrou em RI pelo enem, eu queria saber se ela ia desistir da vaga, porque se ela desistisse a lista rodaria e eu teria entrado). Entrei no curso e já no primeiro semestre percebi que não era pra mim, eu não me identificava e odiava as matérias, até que criei coragem e tranquei, já no primeiro semestre. A partir daí já comecei a me preparar para a prova de transferência interna, lendo os livros que eles indicam na bibliografia no edital. Estudei e trabalhei ao mesmo tempo, eu lia um capítulo em um dia e no dia seguinte lia e resumia. Foi intenso, e só tinha uma vaga (que eu disputaria com outros alunos da USP que vinham de cursos que abordavam assuntos muito mais parecidos com os que caem na prova de transferência, que não são assuntos de vestibular), foi cansativo, mas valeu a pena e hoje finalmente estou cursando o que eu realmente quero, e a diferença é enorme. Ainda não sei que carreira pretendo seguir, mas ao contrário da veterinária, em que nenhum ramo me interessava, eu estou aberta a todas as opções e me interessou um pouco por cada uma.

Mariana

18 anos, de Uberaba, Minas Gerais

Bem, como estava estudando em casa sozinha, tive vários problemas, principalmente na área de exatas. Senti que não fazia progresso suficiente e nunca conseguia realmente entender a matéria. Isso levou a vários mini-surtos durante o ano, além de uma total insegurança por minha parte. Também tive inúmeros problemas com a procrastinação, a melhor coisa que fiz foi tirar uma semana de folga em outubro, o que me deixou mais tranquila referente a tudo. Quando saí do segundo dia de prova me senti muito desanimada, pois não atingi o resultado que queria. Por isso passei novembro, dezembro e janeiro pensando que não tinha como passar. Quando vi que minha nota não foi ruim como imaginava, percebi uma coisa muito importante; percebi que deveria confiar mais em mim mesma e na minha capacidade. No final, eu fiz tudo dentro da possibilidade para conseguir passar e meu esforço foi recompensado, porém se tivesse confiado um pouco mais em mim mesmo, poderia ter evitado muito estresse e poderia ter tirado uma nota maior ainda.

Júlia Buzzi

18 anos, de Blumenau, Santa Catarina

Oi, futuros bixos! Vou deixar aqui meu depoimento sobre como foi a minha experiência com a Fuvest.

Ao longo do ano passado, eu me sentia muito ansiosa e era bem difícil lidar com isso. No primeiro semestre, eu não conseguia equilibrar meu dia a dia entre estudo e lazer, o que acabava me deixando bem sobrecarregada e estressada. No segundo semestre, eu percebi que não ia dar certo continuar no mesmo ritmo! Eu mantive a academia mas também comecei a fazer sessões de terapia e a passar mais tempo com família, amigos e etc. Eu sempre digo que, pra mim, o psicológico foi tão importante quanto o conteúdo na hora de fazer o vestibular.

Queria ressaltar que você não está passando por tudo isso sozinho. Diversas vezes eu me senti insegura ou achei que não dava conta. Então, se você estiver duvidando do seu potencial, fica aqui o lembrete de que passar em RI na USP é possível sim! Não é um sonho inalcançável!

Thiago

18 anos, de Belo Horizonte, Minas Gerais

Acho que todos concordam que o caminho até o vestibular está longe de ser fácil. Toda a cobrança, não só dos outros, mas de nós mesmos mexe muito com a nossa cabeça, e eu acho que ter consciência disso é essencial pra que esse processo não seja tão complicado. Sofri muito com crises de ansiedade ao longo do ensino médio, em parte por causa dessa autocobrança, e eu morria de medo disso acontecer na hora da prova. Aprender a lidar com isso foi o meu principal objetivo nesse período, pensando sempre em mim e no que me aguardava no final do ano. Enfim, deu certo e hoje eu tô escrevendo isso pra vocês. A sensação de entrar no IRI no primeiro dia de aula foi recompensadora. Parece que passa um filme na sua cabeça de tudo que você passou pra chegar ali e um trailer com as possibilidades da parte dois desse filme, o seu futuro. Espero receber todos vocês no ano que vem com essa mesma sensação. Nós, T19, estaremos esperando vocês! Até já!

Isadora Pires Grossi

20 anos, de Jundiaí, São Paulo

Eu marquei aqui que havia feito um ano de cursinho, mas na verdade foi um ano e meio. Fiz seis meses, e estava certa de que não iria passar, por ser um curso muito concorrido. Porém, eu cheguei a passar para a segunda fase da Fuvest 2019, o que elevou muito minhas expectativas e confiança.

Bom, eu não passei em 2019, e isso me destruiu. No dia em que descobri, eu devo ter ficado umas boas duas horas seguidas chorando e, por muitos meses depois disso, eu ainda chorava ao pensar nisso tudo. Isso impactou muito negativamente a minha saúde mental durante o ano de cursinho, porque me pareceu que não importava o quão eu realmente aprendesse, eu não seria suficiente para a Fuvest, como não havia o sido no ano anterior.

Passei por muita ansiedade em 2019 durante o cursinho. Não pelo cursinho em si, porque eu estudava em um lugar que não estimulava de maneira alguma competição entre os alunos. Mas eu me cobrava demais. Demorou muito tempo para eu finalmente ceder e ir atrás de uma terapia - todos deveriam fazer terapia.

Aquilo me ajudou e, com muita insistência e calma, eu consegui passar na Fuvest 2020. Fiquei muitíssimo feliz, e o choro daquele dia foi de felicidade e alívio, e não de tristeza.

Com isso tudo, eu não quero passar uma imagem de jornada de superação nem nada do tipo, mas, sim, mostrar que o vestibular não é uma questão de esforço. As questões não medem quantas horas você estudou, não sabem se você teve que se esforçar muito só para conseguir ter um tempo para estudar - o que, para muita gente, não é uma possibilidade, já que muitos trabalham e estudam ao mesmo tempo. As questões medem se você sabe responder aquilo especificamente, e isso é uma questão de sorte e de privilégio.

Então, reconhecendo tudo isso, eu só queria falar algo que para mim não era muito claro quando eu estava no cursinho: nós somos muito mais que essa prova. Ela não é uma prova justa e não é uma prova capaz de dizer, de fato, quem ""merece"" estar ali, porque, se a questão fosse só esforço, tenho certeza que teriam muitos outros no meu lugar hoje no IRI. Digo isso, porque eu ouvi muito "você mereceu" quando eu entrei, e eu não gosto muito desse tipo de afirmação, porque se eu estou aqui "porque mereci", significa que tantos outros não entraram porque não mereceram? Não. Não é possível aplicar o pensamento meritocrático no vestibular, assim como não o é em tantos outros contextos. É preciso, sempre, reconhecer o próprio privilégio.

Dito tudo isso, eu quero passar o seguinte recado: se você não passar, isso não significa que você é insuficiente ou que você não se esforçou ou que não merece estar em um lugar como a USP. Só significa que outras pessoas sabiam responder umas questões aleatórias de vestibular um pouco - acredite, é pouco, a diferença de nota de quem passa e quem não passa não é grande - melhor que você. Isso é injusto, e isso pode estar relacionado à sorte ou ao privilégio ou aos dois, como eu já disse. Isso é injusto, não pense que não é. Mas eu acho que se eu tivesse isso mais internalizado em mim no meu ano de cursinho, eu não teria passado por tanta ansiedade.

Enfim, espero ter ajudado quem quer que seja que esteja prestando vestibular para RI na USP. Acho que eu não consegui dar muitas "dicas", mas tentei passar o máximo do que eu aprendi ao longo de todo o processo. Espero também - e muito - que todos que desejem consigam, de fato, estar no IRI, com a gente, ano que vem ou em qualquer outra época. Ver seu nome na lista é uma sensação muito boa e eu espero, de verdade mesmo, que todos tenham a oportunidade de experienciar isso.

Maria Gambera

18 anos, da Itália (mora em São Paulo)

Bom, a Fuvest foi meu maior medo até eu passar na faculdade, acho que colocam muito peso sobre o vestibulando de que a prova vai ser impossível e não tem como mandar bem a menos que você seja um gênio. A verdade, na minha opinião, é que para conseguir mandar bem você precisa conhecer a prova, por isso acho que ter feito todas as Fuvests desde 2015 tenha sido fundamental para mim. Além disso não tem segredo, fazer muito exercício e pegar o jeito dos testes. As segundas fases fui mais na fé mesmo, tava tão cansada de estudar para a primeira fase que nem estudei direito para a segunda, ainda bem que me garanti na primeira mesmo. Uma coisa importantíssima que me fez manter um mínimo de equilíbrio mental foi achar atividades que me tirassem do estresse do estudo, no caso sair com os amigos nos finais de semana e fazer atividade física. Acho que, independente de qual for sua válvula de escape é importantíssimo manter ela e continuar praticando o que te faz bem. Espero que isso ajude os meus futuros bixosss.

Depoimento anônimo

Comecei a me preparar para a Fuvest em 2018 quando eu estava no segundo ano do ensino médio. O caminho até a aprovação foi de muita apreensão e incerteza se eu conseguiria ou não entrar. Então, para me manter motivada durante esse período, eu pensava no objetivo final e no quanto eu queria entrar para a USP. Mas eu também tinha em mente que se não desse certo eu tinha feito o melhor que pude. Hoje, vejo que todo meu esforço valeu a pena e que eu faria tudo novamente.

Quanto à preparação para o vestibular, ela exige muita dedicação e às vezes sacrifícios. Durante esse período, eu entendi que me manter saudável física e psicologicamente era tão importante quanto estudar. Ter um tempo para descansar e se divertir é necessário e essencial. A ansiedade, que é extremamente normal e comum, me acompanhou durante a preparação, mas tentei lidar da melhor forma possível e a terapia foi essencial para isso.

Então, o que eu tenho para dizer para todxs que irão prestar Fuvest e Enem para RI na USP é para vocês não desistirem só porque a prova é complexa, o curso concorrido ou porque vocês acham que não conseguem. Deem o seu melhor e confiem em vocês.

A T19 já está ansiosa para conhecer a futura T20!

Matheus Rissoli

19 anos, de Bálamo, São Paulo

Bem, vim de uma escola fraca e de uma cidade pequena então minha perspectiva de futuro era bem "básica", tanto que se eu falar que realmente estudei durante o EM vou estar mentindo. Já no meu ano pós-EM, entrei em um cursinho comunitário (um projeto incrível) que me agregou demais em perspectiva e também foi onde, de tanto ouvir uma amiga falar sobre, me apaixonei por RI. No caso meu foco era a UNESP (não tinha autoestima suficiente pra me submeter a USP) mas no final deu tudo certo né bebê. De resto foi aquela mesma historia clichê de dor e sofrimento que todo vestibulando passa (mas destaque pro SISU, por que olha... que SISU podre! Me deu uns 89 tiricuticos diferentes).

Thayná Vasconcelos

18 anos, de Recife, Pernambuco

A experiência de prestar um vestibular é desafiadora de qualquer maneira, independentemente do curso que você pretende prestar. Muitas vezes isso não se trata essencialmente sobre gestão de conhecimento, quem é mais inteligente, quem sabe mais, normalmente isso é o que menos importa. O ano de um vestibulando é um ano de confrontos e autoconhecimento, é sobre tratar de valores, escolhas, saúde mental e lidar com pressão.

Eu passei direto do terceiro ano, mas tive que conciliar vários cursinhos com o colégio. Confesso que não acho muito saudável, principalmente com a quantidade de cursinhos que eu fazia, eu tinha bolsa e muitos eu não paguei, mas como eu tenho a mania de achar que estar sobrecarregada é ok, não foi a maior questão para mim. Mas não indico para ninguém, respeitem seu espaço, tenham um ritmo de estudos saudável e adequado sempre, nessa situação que eu vivia, muitas vezes eu e meus amigos nos distanciamos por preferirmos dormir no tempo livre a fazer algo juntos.

Isso não vale a pena e digo que esses esforços não são um caminho certo para a aprovação como o marketing vende, sinceramente no fim do ano você olha para trás e vê que não valeu a pena os momentos perdidos e que aquelas 2h de estudo não iriam fazer diferença.

O que motiva um vestibulando é ter um foco e um objetivo, acreditar que você quer chegar lá, e dificilmente você vai ter uma super certeza que é isso que você quer da sua vida, na verdade quase ninguém tem certeza, mas motivação e objetivo podem estar presentes.

Para um estudante interessado em RI, saibam que é um caminho muito interessante e pode te ajudar a se motivar, pois diminui a sensação de restrição de oportunidades e de estar se fechando em uma caixa. Cursar Relações Internacionais é estar aberto à multidisciplinaridade e isso pode ser bom para você, estar aberto a saber de novas formas de enxergar o mundo.

Uma informação que é importante ressaltar é que a USP é uma faculdade elitista, a gente luta para que seja cada vez mais abrangente, mas os próprios mecanismos de entrada são elitistas e o sistema naturalmente promove essa segregação, algo que é intrínseco a processos de seleção. É importante, e sempre vai ser, lutar por inclusão. Então caso você se sinta afastado por esse padrão saiba que tem gente sempre disposta a ajudar e encontrar meios alternativos. Lembre-se de valores e princípios, isso sempre vai ser uma boa motivação, pois acreditar que suas escolhas não foram as melhores podem ser um peso muito grande.

Ter o seu nome no listão é legal e motivador, mas isso não é tudo, pode parecer que isso é muito o discurso de alguém que já está na faculdade e não sabe o que é não ver seu nome na lista. Talvez seja, mas de dentro da faculdade você enxerga facilmente que não vale tudo por uma vaga e que está muito longe do fim de uma jornada. Respeitem seus processos e se respeitem, uma vaga e uma universidade nunca devem estar acima disso.

Boa sorte a vocês vestibulandos, sei que não é fácil, mas saibam que nós estamos muito na torcida por vocês <33

Depoimento anônimo

Meu ano de vestibulando foi caótico. Comecei o ano estudando e trabalhando, porém saí do meu trabalho para focar nos estudos, tanto no cursinho quanto no ensino médio. Após sair do serviço, senti um alívio, pois tinha mais tempo para estudar e sentia que estava conseguindo melhorar meu desempenho. Apesar desse alívio, ser vestibulando não é fácil, pois as pressões aparecem de todos os lados.

Minha motivação era devido a minha grande vontade de cursar RI e poder dar esse prestígio para os meus pais e para minha família. Sinto que alcancei esse objetivo. Em relação ao mercado de trabalho que o curso proporciona, não me decidi e confesso que ainda estou um pouco sem rumo, mas acredito que com o andamento do curso as coisas ficarão mais claras.

Mirella

20 anos, de Salvador, Bahia

Estudem, mas descansem também. A sua hora de descanso pode agregar muito se você souber usá-la de forma inteligente, mas isso não precisa acontecer sempre. Façam coisas pra não pensar muito também, mesmo que seja mais difícil na quarentena. Peguem sol dentro de casa se tiver espaço, não fiquem o tempo todo sentados estudando.

Depoimento anônimo

Uma das minhas maiores dificuldades era a falta de informações mais específicas sobre o vestibular, especialmente sobre os vestibulandos de RI. No cursinho não tive muito contato com pessoa que queriam o mesmo curso, a esmagadora maioria eram vestibulandos de direito e, por isso, o foco era nas suas necessidades. Além disso, não tinha companhia para estudo, meus colegas gostavam de ficar no cursinho estudando e eu não, por conta da distância e do tempo que levaria para voltar para casa. Isso também acabou afetando meus horários de estudo ao ponto de começar a me comparar com outros alunos, sentir que eu não estava fazendo o suficiente e duvidar de que eu realmente conseguiria. Com o tempo eu consegui trabalhar melhor essas questões, usava todo o tempo que tinha para estudar (por exemplo, nos trens e metrô). Entendi que eu estava fazendo o que eu podia e isso era importante (mas nunca relaxando na rotina, claro). Aprendi também com muitos dos meus professores a descansar quando era preciso, até porque uma mente cansada não conseguiria ser tão produtiva. Sempre que podia eu procurava assistir coisas que gostava com minha irmã, uma forma de se distrair e de se recompensar depois de um simulado ou estudo muito intenso. Também procurei sair com amigos algumas vezes, para ir em amostras de museus ou ao cinema (uma forma que encontramos de nos distrairmos e também de continuar aprendendo). Quando eu estava cansada, tentava lembrar dos meus objetivos e isso sempre me motivava. Ver o nome na lista de aprovados foi inacreditável e surpreendente. Comecei a lembrar de tudo o que eu tinha feito para chegar naquele momento e percebi que tudo valeu a pena. Apesar de ter sido um período exaustivo, acordando às 4 da manhã todos os dias, fazendo provas sempre, estudando nos fins de semana, eu não me arrependo. Eu conheci pessoas incríveis e aprendi muito, aprendi a manter sempre um equilíbrio saudável na minha vida que me ajudou a passar por diversas situações.

Willa

18 anos, de São Paulo, São Paulo

Primeiramente, gostaria de ressaltar que vim de escola pública. Sei que muitas escolas públicas são ótimas, mas, infelizmente, não tive tanta sorte, então minha formação foi muito deficiente, principalmente na área de exatas e biológicas, já que não haviam professores disponíveis nos colégios em que me matriculei. Sendo assim, no final do terceiro ano, após ver os resultados no ENEM (que não foram muito bons), decidi tirar um ano para estudar. Felizmente fui privilegiada por poder ter esse tempo de preparação, e reconheço que ele foi mais que essencial. No entanto, por outro lado, foi muito desgastante.

Os cursinhos dos quais participei (dois, para ser mais exata, sendo que os fiz simultaneamente) eram populares, então o preço até que era bem em conta. Por outro lado, haviam muitas pessoas para uma única sala, sendo que os professores amavam ressaltar que o colega sentado ao seu lado era seu concorrente. Era sufocante, de diversas formas. Eu me pressionava, a situação financeira da minha casa não estava das melhores na época, muitas pessoas próximas a mim diziam que eu não iria conseguir e, sinceramente, isso foi péssimo. Nunca me pressionei muito para provas, mas naquele ano, em específico, comecei a ficar muito ansiosa. Muitas vezes, não conseguia dormir pensando no vestibular e isso apenas piorou quando o final do ano chegou e tive de encarar os exames. Lembro que na prova da FUVEST, já na segunda fase, escrevi a prova inteira e a redação com o lápis (não recomendo muito rs) e, no final das contas, sobrou apenas uma hora para transcrever tudo com caneta. E foi nesse exato momento que tive um surto de ansiedade. Não foi nada grave, acho, mas minhas mãos começaram a tremer a um ponto em que quando escrevia, não conseguia entender minha letra. Tudo parecia um borrão. Lamentei muito pelo corretor naquele momento, e por mim mesma, principalmente, já que pensei que não iria passar justamente por isso, pela minha ansiedade.

Algo que me motivava muito para estudar era pensar que eu seria um exemplo para a minha irmã mais nova que, agora, tem 11 anos. Na minha família, estudar é algo quase que elitista, sendo a universidade pública algo quase utópico. Assim, eu queria mostrar para a minha irmã que é possível entrar em uma universidade independente de classe, cor, religião, gênero ou o que quer que seja. Queria que ela soubesse que ela tem capacidade de chegar onde quiser, independente do que digam para ela em seu caminho. Além disso, eu queria provar para mim mesma que conseguiria passar no vestibular, que não teria de escolher outro curso só por Relações Internacionais ser um dos mais concorridos.

Em alguns momentos, eu pensei seriamente em desistir e eram justamente nesses momentos eu que gostava de parar de estudar um pouco para fazer alguma coisa que gosto. Moro na cidade de São Paulo e um hobby que tenho é passear por aí, então quando estava muito cansada mentalmente, ia para algum museu, uma praça, um parque, cinema, exposição de arte ou apenas ficava em casa olhando para o teto para espairar. Às vezes, escrevia algum tipo de história, desenhava ou apenas conversava com algum amigo para passar o tempo. Viver um pouco é sempre bom, afinal de contas. Desde pequena, uma frase que minha mãe sempre me dizia era "aproveite o caminho". Acredito eu que esse era o jeito dela de dizer que temos de curtir como podemos ao longo de nossa trajetória, sem pensar que temos de nos privar de tudo em prol de um objetivo. Sempre haverá novos objetivos, então se não "aproveitarmos o caminho", estamos desperdiçando nossa vida. Foi isso o que tentei fazer; e não me arrependo.

Quando vi meu nome na lista de aprovados (vi pela internet) não senti nada. Por incrível que pareça, não fiquei eufórica, não gritei, não disse nada para ninguém. Apenas sentei no sofá da minha casa e comecei a pensar sobre tudo o que passei até chegar até ali. Depois eu peguei meu celular, conectei com a caixa de som, coloquei as músicas mais deprimentes da minha playlist para tocar no volume máximo (os vizinhos ainda me odeiam por isso) sentei no meio do chão da sala, deitei e comecei a chorar. Foi um misto de felicidade e alívio, acho. Mas depois que a ficha finalmente caiu eu fiquei feliz, claro.

Por fim, ao longo de todo esse percurso, aprendi que tudo vale a pena e que temos de valorizar quem nós somos, do jeito que somos. Muitos amigos meus não prestaram a FUVEST por pensarem que não eram capazes, porque era muito difícil, porque eles, assim como eu, não tiveram acesso a muitas oportunidades. Eu sabia que eles tinham toda a capacidade do mundo para chegar onde queriam e dizia isso a eles, mas, para eles próprios, essa já era uma batalha perdida. É importante ter em mente que não há batalha perdida ou ganha se ela não for declarada. Além disso, outro ponto importante é que não há época certa para se entrar em alguma faculdade. Alguns passam com 17 anos e isso é ótimo, mas outros irão passar com 18, 20, 25, 30 ou mais e não há nada de errado nisso. Cada um tem sua trajetória, sua história e seus obstáculos a serem vencidos. É isso o que nos faz únicos e, para mim, isso é algo que tem de ser enaltecido sempre que possível.

Depoimento anônimo

Foi um ano complicado de cursinho. Primeiro, porque não me sentia capaz de entrar aqui, segundo porque sentia que todas as pessoas (inclusive do colégio) tinham muitas expectativas que eu iria entrar logo depois de me formar; e não aconteceu! Então tive que lidar com essa "frustração", que vinha tanto dos outros, quanto de mim mesma. Mas foi um ano de muito aprendizado, e desenvolvimento de autonomia; A gente descobre que não existe fórmula pronta para passar, cada um tem um ritmo e uma maneira de estudo a qual se adapta melhor, mas que existe muitas estratégias para resolução da prova, e é bom conhecer e testar cada uma delas para conhecer alguma que você se adapta melhor. Porém acho que a dica mais importante é tentar sempre priorizar seu psicológico, aprendi na pele que não adianta muito você ter estudado, tirar notas boas nos simulados, conhecer as obras, e deixar a ansiedade dominar durante a prova. O objetivo é tentar fazer sempre sua melhor prova, e nem sempre isso é sinônimo de saber a maior quantidade de coisas possíveis, porque não vão cobrar todas elas, e quando aparecer algo que você não reconhece imediatamente (o que provavelmente vai acontecer, porque sempre acontece), ter calma para conseguir mobilizar uma série de conhecimentos paralelos para te ajudar.

Penso que o principal é isso, nunca deixe seu emocional/psicológico de lado, respeite seus limites, durma bem, tenha horários de descanso, veja seus amigos, faça amizades novas se você estiver no cursinho (eles não são seus concorrentes, se tudo der certo para eles também, são sua futura companhia), tanto porque sua saúde mental é muito importante, quanto porque ela também é fundamental para a prova.

Depoimento anônimo

Como não fiz cursinho presencial, eu tinha a liberdade de montar meu cronograma e seguir no meu ritmo. No entanto, estudar em casa exigiu uma grande força de vontade e disciplina, portanto, se você deseja estudar sozinho, minha dica é que procure materiais sobre manejo de tempo e construção de novos hábitos; no começo pode parecer uma tarefa impossível, mas com o passar das semanas juro que vai dar certo! Além disso, minha principal dica, independente se você for prestar a FUVEST, Enem ou qualquer outro vestibular, é: resolva muitas mas muitas questões do vestibular que você for prestar! Sério, quanto mais questões você resolve, melhor você entende como a prova funciona e que tipo de conhecimento a banca exige de você. E não negligencie a redação, tente fazer ao menos uma a cada quinze dias, se possível. Eu particularmente segui as aulas do professor Rômulo Bolivar (Proenem) e procurei seguir o

modelo de redação que ele ensinou, dessa forma na hora da prova eu já tinha um modelo de escrita a seguir e não fiquei perdida.

Enfim, espero ter ajudado e, por último, queria desejar boa sorte e forças para você vestibulando. Sei o quão difícil deve ser estar tendo que estudar nessa situação de incerteza e desamparo que nosso país está, mas não desista: no final, todo o esforço e dificuldades que você passou esse ano irão valer a pena quando você conquistar sua aprovação. Boa sorte!

Marina Sujkowski

18 anos, de Santo André, São Paulo

Oi, vestibulando! Eu sou a Marina e ingressei esse ano em RI na USP. Demorei bastante tempo pra escrever esse relato, sem saber muito bem como começar. A jornada pré-vestibular é intensa, repleta de tensões, surtos, incertezas, e para mim, a primeira delas apareceu logo na primeira decisão que todo aluno de ensino médio se vê obrigado a tomar: o que vou fazer da minha vida quando a escola acabar?

Esse questionamento atormentou meus pensamentos por muitos meses. Sempre fui uma pessoa bastante indecisa, e saber que meu futuro estava em minhas mãos me assustava bastante. Então, logo no primeiro ano do Ensino Médio, decidi que faria medicina, porque gostava das disciplinas e me imaginava exercendo aquela profissão. Acontece que, além de indecisa, também sou bastante insegura, então passei a duvidar da minha capacidade de ingressar no curso e de conseguir ser bem sucedida nessa área, além de questionar minha afinidade com as biológicas. Então, ao longo do segundo ano, considerei fazer absolutamente todos os cursos de humanidades que você pode imaginar: jornalismo, audiovisual, geografia, ciências sociais, letras, direito, economia, até que defini história, que é uma das minhas grandes paixões. E estive convencida disso, até que me deparei com um curso um pouco estranho e desconhecido, que se chamava Relações Internacionais, que englobava um pouquinho de tudo que eu gostava. Assim, acabei finalmente optando por RI nos primeiros meses do terceiro ano, e apesar de ninguém entender muito bem do que se tratava (“mas...o que esse tal internacionalista faz?”), me mantive firme e, com um pouco de receio, escolhi essa opção quando me inscrevi para o vestibular da USP.

Apesar da escolha do curso só ter vindo ao final do Ensino Médio, minha preparação começou bem antes. Sempre gostei muito de estudar - e era aluna de uma ótima escola com excelentes professores - então nunca tive grandes problemas para me dedicar a isso. No entanto, no terceiro ano, senti que ainda não estava preparada o suficiente, e decidi fazer um cursinho semi-extensivo junto com o final do meu Ensino Médio. Hoje olho para trás e vejo o quão desgastante foi ter tomado essa decisão, pois fazia ensino médio pela manhã, acordando todo dia 5h, e cursinho a noite, chegando em casa depois das 23h, além de estudar bastante durante o dia. Mas, apesar de ter me esforçado e me dedicado muito aos estudos, não deixei de viver minha vida: comecei a namorar no terceiro ano, me exercitava, saía todo final de semana com meus amigos, ficava com minha família e tirava um tempo para mim. Ainda assim, devo confessar que, ao passo que o vestibular se aproximava, fiquei bastante ansiosa e acabei exagerando na dose de estudos, fazendo inúmeras questões de vestibular por dia e, nos intervalos, lendo os livros obrigatórios.

Depois de tanto cansaço, desgastes e ansiedade a mil, descobri que fui aprovada para a segunda fase no final do ano. Então, continuei indo ao cursinho, agora já formada no EM, e estudando durante o dia.

Esse foi um dos piores períodos de minha preparação: fiquei muito nervosa e ansiosa, duvidando muito de mim e de que iria conseguir conquistar minha vaga. Assim, depois de viajar no ano-novo para ter um tempo de descanso antes das provas, fiz a segunda fase, e sai de lá completamente desesperançosa e decepcionada comigo mesma. O que eu não esperava era que, no dia 24 de janeiro, receberia a notícia da aprovação.

Demorei um tempo para acreditar que aquilo realmente havia conseguido, gritei e chorei muito: esse foi um dia especial do qual não esquecerei. Logo que a lista foi divulgada, comecei a entrar em contato com os veteranos e outros calouros, e me senti bastante acolhida, mal vendo a hora de ir à USP como aluna pela primeira vez. Agora que já estou aqui há 6 meses, posso dizer a você, vestibulando, que não há como ter certeza sobre suas escolhas. Gostei muito do que conheci até agora, mas ainda não sei se é o lugar certo para mim. Além disso, lendo os depoimentos de meus colegas enquanto fazia a cartilha e escrevendo minha percepção de tudo isso, pensei em como todos se sentiram (e sentem) inseguros e incapazes, porque o vestibular é um processo muito injusto, assim como a universidade ainda é um espaço amedrontador. No entanto, não se sinta sozinho nessa jornada, nem menos capaz do que os demais estudantes! E o mais importante: não abandone sua vida social e a sua saúde mental, e procure ajuda de profissionais sempre que possível! A preparação é árdua e desgastante, ainda mais durante o período de pandemia que os vestibulandos de 2020 estão enfrentando, então não deixe de cuidar de si mesmo ;)

Espero que essa cartilha ajude-os durante a preparação e que possamos nos encontrar no IRI!

Fernanda Amorim

19 anos, de Santa Isabel, São Paulo

Depois de ter saído do E.M e não ter passado em RI na USP (era meu objetivo), resolvi fazer cursinho em São Paulo para me preparar melhor. Saía da minha casa, na cidade de Santa Isabel, 5h40 para chegar no cursinho em São Paulo 8h (e ainda chegava atrasada). Esse percurso diário somado a problemas psicológicos que enfrentei em 2019, fizeram com que eu não conseguisse me dedicar o tanto que deveria no primeiro semestre do ano. Quase não fiz redação, fiz poucos simulados da fuvest/Enem. Enfim, minhas esperanças de passar eram baixíssimas, me sentia extremamente burra perto dos outros alunos do cursinho. No segundo semestre do ano, consegui me estabilizar um pouco mais, e foi quando eu tive um gás e uma motivação pra estudar muito mais. Comecei a fazer várias provas, algumas redações, mas mesmo assim me sentia despreparada por saber que provavelmente não conseguiria estudar tudo a tempo. Fiz o Enem e a Fuvest. Passei pra segunda fase, mas não passei de lá. Concorri com cota de PPI, então só tinha 5 vagas. Tive que esperar o Sisu. Quando saiu a minha média (mais ou menos 690), fiquei feliz, porém sabia que pra RI na USP era uma nota que não me garantia muita coisa. Mas mesmo assim, coloquei como primeira opção o período vespertino e como segunda o noturno. Eram 3 vagas em cada apenas (concorria na opção de PPI com renda e escola pública) e quando o resultado final saiu, fiquei em quarto nas duas opções. A minha sorte foi que, no período vespertino, uma menina havia passado, mas na verdade não se enquadrava em nenhum dos requisitos da vaga. Tive que esperar um pouco mais, mas recebi a incrível notícia de que a vaga era minha!

Redações

Nesta parte, estarão disponíveis 16 redações dos alunos da T19.

Elas estão posicionadas com as notas em ordem decrescente. Primeiro estão as redações do Enem, depois estão as redações da Fuvest.

Enem 2019

4 redações.

Referência: nota/1000 (máximo).

Tema: "Democratização do acesso ao cinema no Brasil".

Nota: 920

1	"A cultura está acima da condição social" Essa máxima, dita pelo filósofo
2	Confúcio, retrata a importância da cultura e de como seu acesso deve ser garan-
3	tido, independente de questões socioeconômicas. Nesse sentido, o cinema, por represen-
4	tar um importante fator da construção cultural de um povo, torna-se essencial pa-
5	ra a sociedade brasileira. Apesar disso, o acesso ao cinema no Brasil não
6	é garantido para toda a população logo, torna-se necessário perceber que os
7	principais motivos pelo qual isso ocorre são grande desigualdade econômica e ca-
8	rência de infraestrutura adequada em algumas regiões.
9	Em primeiro plano é importante perceber que a distribuição desigual de ren-
10	da é um dos motivos pelo qual o acesso ao cinema é desigual no Brasil. Segun-
11	dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a
12	renda média de mais da metade da população brasileira equivale a pouco mais
13	de um salário mínimo. Assim sendo, nota-se que grande parte da sociedade
14	não possui poderio econômico suficiente para investir em questões culturais
15	como o cinema.
16	Além disso, vale ressaltar que existe uma grande falta de investimento em
17	infraestrutura em algumas regiões brasileiras (S). De acordo com o geógrafo
18	Milton Santos, a sua regionalização do Brasil, as regiões sul e sudeste são a
19	"região concentrada" onde se concentra a maior parte da infraestrutura do país.
20	Nesse contexto, as outras regiões brasileiras carecem de investimento governamen-
21	tal e privado e sua população permanece excluída e sem acesso ao cinema.
22	Infer-se, portanto, que democratizar o acesso ao cinema no Brasil é um
23	grande desafio. O Ministério da Cultura, juntamente com as redes privadas de cine-
24	ma, deve agir em favor da população, criando programas de distribuição de ingre-
25	sos gratuitos, além de reduzir o custo dos ingressos, a fim de possibilitar o acesso
26	da parcela mais pobre da população. Aliado a isso, o Ministério da Economia
27	deve criar programas e ações, como incentivos fiscais, com intuito de incentivar
28	a criação de cinemas em áreas que carecem infraestrutura. Feito isso, a
29	cultura realmente estará acima da condição social e o acesso ao cinema
30	será para todos.

Nota: 900

1	Émile Durkheim, sociólogo francês e cientista centista , comparava a sociedade a um ser vivo devido à sua complexidade es-
2	trutural; logo, considerando tal analogia, países com sólidos alicerces no que tange à democratização do lazer per-
3	sonificam um "corpo biológico" sadio. O Brasil, sob esse espectro, apresenta pontos tanto negativos quanto positivos re-
4	ferente à popularização do cinema em âmbito nacional, e isso se caracteriza, no sentido micro, pela fal-
5	ta de interesse das corporações cinematográficas em se estabelecerem na periferia e, no aspecto macro, pela
6	existência de leis federais que beneficiam e expandem o acesso ao lazer de setores sociais fragilizados. Nes-
7	se sentido, convém discutirmos mitigações factíveis às quais atenuem os efeitos negativos e ressaltem
8	os positivos desta questão.
9	A priori, o acesso aos cinemas é amplo nas grandes metrópoles, fundamentalmente por serem grandes
10	centros econômicos; isso as tornam mais atrativas para os mercados cinematográficos, principalmente na
11	perspectiva lucrativa. Em um estudo de 2019 feito pela plataforma Meio e Mensagem, por exemplo, mostra que
12	o acesso do brasileiro ao cinema cresceu cerca de 40% num intervalo de cinco anos, entretanto, simultane-
13	amente, aumentou de forma igualmente proporcional o coeficiente de cinemas nas grandes capitais, segun-
14	do a ANCINE. Compreender tal fenômeno é fundamental para se notar a heterogeneidade presente na oferta de
15	ferramentas de entretenimento no país, gerando uma preocupante desigualdade a qual precisa ser revertida.
16	A posteriori, entretanto, há boas iniciativas do Estado para catalisar a homogeneização desse acesso, como
17	a criação de medidas como a "meia-entrada", que garante 50% de desconto na compra de ingressos de cinema pa-
18	ra estudantes, idosos e pessoas de baixa-renda. Além de medidas assim contribuírem na democratização do
19	acesso cinematográfico, também garante o artigo 6º da Constituição Federal brasileira, que detende o lazer
20	como um direito de todos os indivíduos. Se somarmos, então, propostas como a "meia-entrada" à constru-
21	ção regionalmente igualitária de cinemas, encontraremos uma solução viável e funcional, a qual torne o
22	lazer de qualidade a todos.
23	As OSCs (Organizações da Sociedade Civil) devem, portanto, através de parcerias público-privadas, fomentar a constru-
24	ção de cinemas nas cidades do interior e nos estados "descentralizados" economicamente, os quais ofereçam ses-
25	sões populares aos habitantes locais para alcançar os indivíduos distantes dos grandes centros urbanos. Paralela-
26	mente, o Executivo Federal, através dos Ministérios da Cultura e da Cidadania precisa perseverar nos programa-
27	mas como a meia-entrada, para expandir progressivamente a democratização do cinema e do entretenimen-
28	to para todos. Somente assim garantiremos o artigo 6º constitucional, balancearemos os índices de acer-
29	so versus o de construção homogênea e, finalmente, conformaremos uma sólida estrutura de lazer, nos
30	tornando um "corpo biológico" saudável e vigoroso, conforme descrito por Durkheim.

Nota: 820

1 O cinema, uma das formas de manifestação artística mais
2 disseminada em nossa sociedade, se encontra em um processo de
3 elitização, ou seja, seu acesso vem sendo restringido a uma minoria.
4 Isto se dá, principalmente, devido aos diversos empecilhos encontrados
5 pelas populações marginalizadas que buscam acessar qualquer forma de arte.
6 Primeiramente, é necessário enfatizar a massiva importância das
7 artes, como o cinema, na vida dos seres humanos, visto que, esta nos dife-
8 rencia dos animais, podendo nos proporcionar: prazer, resistência, sustento,
9 e lazer. Sendo assim, é indispensável a presença das artes no cotidiano
10 de todos. Porém, mesmo clara está importância, produções artísticas
11 como o cinema ainda não são acessíveis a diversos grupos sociais.
12 Como fator importante para esse processo de elitização há a
13 problemática social da desigualdade social, desencadeada por políticas
14 como o Plano de Metas, de Juscelino Kubitschek, que privilegiava
15 urbanização da Região Sudeste e culminou num atraso desenvolvimentista
16 das outras regiões, que pode ser visto na disparidade de salas de cinema
17 na Região Sudeste ao compararmos com as outras regiões.
18 Ademais, pode-se ressaltar algumas promoções empregadas por
19 redes de cinema com objetivo de atrair mais consumidores. Porém,
20 pelo fato destas promoções ocorrerem, em maioria, em dias úteis
21 se torna um empecilho ao proletário conseguir desfrutar dessas.
22 Tornando-a uma promoção ineficaz.
23 Em vista dos argumentos apresentados, se mostra evidente a
24 importância do cinema para o homem e também faz-se necessários
25 mudanças para que a interação arte e homem ocorra. Desta forma,
26 cabe ao Ministério da Cultura a realização de duas medidas:
27 Campanhas de conscientização para mostrar a população a importân-
28 cia da arte e, o estabelecimento de acordos com ~~as~~ Redes de
29 Cinema de forma a espalhar salas de cinema em regiões mais mar-
30 ginalizadas, propiciando assim um maior acesso popular a arte.

Nota: 800

1	O entretenimento sempre fez parte da realidade humana. Remontando de
2	Antiguidade com as comédias gregas e embates no Coliseu em Roma, passando
3	pelos encenações shakespearianas na Inglaterra, para então culminar nos
4	espetáculos cinematográficos hollywoodianos. Entretanto, entaves de eunho
5	social como o valor dos ingressos, a distância das salas de exibição e
6	a ascensão dos serviços de stream, como a Netflix configuraram-se
7	como desmotivadores à procura dos cinemas.
8	Embora, o acesso à cultura e as lazer seja um direito estabeleci-
9	do legalmente no Brasil, a prática aponta que essas experiências são, cons-
10	tantemente, convertidas em privilégios destinados àqueles que podem pagar.
11	Om se tratando do cinema, por exemplo, o fator econômico é decisivo
12	no exastamento de brasileiro da vivência cinematográfica em salas
13	especializadas embora, haja apreço pelas produções. Isto ocorre porque
14	os ingressos possuem valores altos e há concentração das salas em Regiã
15	distantes de periferias e áreas rurais.
16	Os fatores sociais e econômicos aliados ao surgimento
17	de novas tecnologias, que garantem maior comodidade, elabo-
18	ram para a troca do cinema por inovações como a Net-
19	flix, que possui um catálogo extremamente amplo, sem nea
20	sidade de deslocamento com melhor custo-benefício que a
21	primeira opção citada. Haja vista tudo aqui exposto
22	é necessário a reestruturação do serviço de cinema para
23	que ele seja viável e atrativo.
24	Portanto, faz-se necessário uma redistribuição geográfica
25	das salas de exibição para que o deslocamento dos públicos seja
26	facilitado, além da exibição a baixo custo. A divulgação e
27	expansão de benefícios como o ID Jovem, que garante desconto
28	em eventos culturais, também corroboram para o universalis-
29	mo de acesso ao cinema.
30	

Fuvest 2020

12 redações.

Referência: nota/50 (máximo).

Tema: "O papel da ciência no mundo contemporâneo".

Nota: 46.50

A dependência do mundo da luz da ciência (Título)	
01	Com o homem é bastante curioso: sempre tentou (e tenta) compreender o mundo em
02	seu volta. A partir dessa característica, surgiram ramos do conhecimento que buscavam en-
03	frentar a realidade, sendo uma delas a ciência. Dessa forma, com o advento das teorias
04	científicas, o homem tentava cada vez mais entender, fazer a compreensão de suas
05	ações. Por consequência, esse tipo de desenvolvimento trouxe ²⁰²⁰ a, no mundo contemporâneo, por-
06	ta a tornar um importante papel na vida das sociedades, pois ele não só pode tirar o homem
07	de seu estado de ignorância, mas também facilitar sua existência na Terra.
08	Em primeiro lugar, é necessário destacar a importância da ciência científica na
09	civilização atual. Subordinadamente, a ciência não serve como um meio de expansão e aban-
10	donar os olhos diante do mundo em que vivemos: ao descobrir e se guiar ao fazer compun-
11	doções como suas necessidades fundamentais. O mundo não, desse modo, uma espécie de "ca-
12	lavra", como afirmou o filósofo grego Platão, na qual a existência de seus habitantes
13	depende. No entanto, alguns indivíduos procuram o lado de fora da luz - o conhecimento -,
14	partindo, muitas vezes, das suas ideias, o desenvolvimento científico não um dos males de in-
15	fluência a vida do homem, a fim de torná-lo de sua ignorância.
16	De mais a mais, com as inovações tecnológicas decorrentes das pesquisas e dos ex-
17	perimentos, a vida cotidiana no planeta tornou-se mais cômoda. Em suma, muitos im-
18	portantes fatores para o homem, a exemplo de avanços e melhorias médicas, o sistema melhora
19	o ambiente a partir de um o domínio dele. Infelizmente, apesar de ter feito tanto por
20	melhorar a existência da humanidade, os países encontram-se dependentes de espécies de re-
21	volução, descobertas através de iniciativas científicas, como é mencionado no caso britâ-
22	nica Black Mirror, o qual retrata o fenômeno de a própria ciência no respeito o homem.
23	Logo, em um mundo dominado por inovações, técnicas e descobertas, a vida huma-
24	na torna-se cada vez mais próxima a suas ideias. Diante disso, de mesma forma que
25	a ciência contribui o homem, por tirá-lo do desconhecimento e "desnada", pois ele se
26	encontra em uma realidade na qual não há, uma sua sobrevivência tornou-se confortável.
27	A partir dessa relação, cria-se uma situação a ser refletida sobre os caminhos que o
28	desenvolvimento científico pode seguir fundamentalmente, que podem ser tanto estimulados quanto
29	previdenciados, visto que a humanidade é incerta e generosa.
30	

Redação - FUVEST 2020

Nota: 45

Ciência: o desvio no caminho do fracasso
(Título)

01 Durante a Idade Média, a Igreja Católica, por meio de seus representantes, analisava e dissemi-
02 nava as informações consideradas pertinentes. Em um contexto de conhecimentos regidos pelo
03 geocentrismo, isto é, centrados na mão e no poder de Deus, informações que desmentissem tal teoria le-
04 vavam seus ideólogos à punição. Este é o caso de Copérnico, que ao descobrir que o Sol representava o centro
05 do Sistema Solar, e não a Terra, foi aterrorizado e morto. Esta falta de informação, no final deste período
06 agravou as consequências da Peste Negra e da fome, consideradas "castigos divinos" e que só foram com-
07 tidas durante o Renascimento, que como período de poder da Igreja, garantiu a disseminação de conheci-
08 mentos científicos. Sombrios, no mundo contemporâneo, assim como no Moderno, a ciência corresponde ao
09 caminho essencial para viver e evitar desastres humanitários como os da Idade Média.

10 Em primeiro lugar, nota-se que o desenvolvimento científico foi capaz de desmistificar e evitar cer-
11 tas previsões sobre a humanidade. Este é o caso da Teoria Malthusiana, desenvolvida pelo pensador
12 liberal Thomas Malthus, em um contexto de ainda reduzido conhecimento da ciência, que argumentava
13 que a humanidade estava fadada ao seu fim, uma vez que a população crescia em ritmo muito maior do
14 que os alimentos, como ocorreu na Idade Média. Entretanto, técnicas como a "Revolução Verde", que
15 trouxe tecnologia e pecuária no século XX, como a utilização de fertilizantes e adubos, causaram o aumen-
16 to da produtividade desses produtos, desviando do desastre previsto por Malthus. Sombrios, a ciência, em
17 seus mais variados ramos de conhecimento, garante a manutenção da vida na Terra.

18 Entretanto, há aqueles que interpretam a ciência como devastadora. Este pensamento foi ampliamen-
19 te desenvolvido na "Escola de Frankfurt", grupo de filósofos alemães que rejeitavam e culpavam o co-
20 nhecimento científico pelas guerras mundiais do século, por meio dele que se desenvolveram armas tão
21 mortais. Entretanto, os filósofos se equivocam ao ignorar que essa mesma ciência, pela medicina, evitou
22 consequências humanitárias como as da guerra dos cem anos, no fim da Idade Média, em que houve um
23 maior número de morte de combatentes feridos. Ou seja, assim como opinia o filósofo americano Carl Sagan
24 nota-se que os elementos mais cruciais da atualidade - medicina, agricultura, educação, entre outros -
25 dependem da existência e do constante desenvolvimento da ciência.

26 Portanto, a ciência, através de seus estudos e análises no mundo contemporâneo, diferen^{temente} de con-
27 siderado pelos alemães da Escola de Frankfurt, garante a vida em um mundo que, caso esta na fosse
28 desenvolvida, teria seus habitantes reduzidos até mesmo a níveis pela incapacidade natural
29 deste de suprir tamanha demanda, assim como ocorreu na Idade Média e previsto pela Teoria Mal-
30 thusiana.

Redação - FUVEST 2020

Nota: 41.50

O lugar da ciência no século XXI
(Título)

01 O livro "Admirável Mundo Novo", de Aldous Huxley, retrata um futuro distópico, no qual
02 a tecnologia encontra-se em estágio de desenvolvimento tão avançado que instituições como fa-
03 mília e casamento foram extintas. Essa obra ilustra, não apenas a recua celeridade perante
04 às inovações tecnológicas, mas também dois dos maiores desafios para a ciência no mún-
05 do contemporâneo: as necessidades de humanização e popularização do conhecimento cien-
06 tífico.

07 O filósofo alemão Immanuel Kant acreditava que, para ser considerada ética, toda
08 atitude deve possuir como finalidade o aprimoramento do homem. Todavia, esta não tem
09 sido o caso dos aditivos tecnológicos que - dentro da lógica de busca por lucro e produ-
10 tividade cada vez maiores, inerente ao sistema capitalista - muitas vezes são usados para sub-
11 dominar os indivíduos. O Movimento Lúdista, por exemplo, em que operários ingleses do século
12 XIX, buscando recuperar seus postos de trabalho, dedicaram-se a destruir e maquiá-lo im-
13 dustrial, ilustra perfeitamente a tensão das ciências contra a ciência, quando esta é uti-
14 lizada para subjugá-las.

15 Ademais, segundo Adorno, pensador expoente da Escola de Frankfurt, o uso da Nacio-
16 nalidade, no mundo ocidental, ocorre de maneira utilitarista e prejudicial ao homem e à nature-
17 za. O conhecimento científico, segundo o preceito de grande capital, fica retido nas mãos de
18 uma pequena elite intelectual e chega às populações mais abastadas apenas sob a forma de
19 produtos a serem consumidos, como celulares e televisões. Assim, é possível entender o porquê
20 de movimentos anticientificistas ainda possuírem grande adesão em todo o planeta, a
21 exemplo do "teocentrismo" (que nega a existência da Terra), e do movimento antivacina,
22 que obtiveram destaque nos últimos anos.

23 Logo, fica evidente que o cenário descrito por Aldous Huxley, apesar de extremo, é ti-
24 mido pela população que, marginalizada, luta-se contra o saber científico, abri-
25 do espaço para que ideologias potencialmente nocivas também aduptas. A única for-
26 ma de lutar tal fenômeno é democratizando a ciência, para que ela esclareça as
27 ciências e possa se desenvolver de maneira justa e humanizada.

Redação - FUVEST 2020

Nota: 41.50

A ciência como forma de manutenção de harmonias contemporâneas
(Título)

01 O pensamento racional e científico apresentaram-se como instrumentos fundamentais
02 para o progresso ao longo da história. Durante o Renascimento cultural, por exemplo, a ciência
03 atuou como barreira contra a continuidade das ideias católicas, possibilitando o fim da
04 Idade Média. Assim, explicita-se a importância da ciência para o mundo contemporâneo.

05 Em primeiro lugar, destaca-se o sistema educacional como um elemento capaz de
06 promover o pensamento científico em alguns casos. No Brasil, por exemplo, os baixos
07 investimentos em desenvolvimentos de pesquisas científicas como reflexo do cenário educacional
08 vigente. Para Paulo Freire, a "educação bancária" brasileira impede a atuação crítica
09 ativa e crítica devido a uma visão técnica, reducionista e desintegrada. Isso falta na formação in-
10 telectual leva à criação de uma "sociedade de Abaporis", ou seja, indivíduos com um cérebro pe-
11 queno e membros gigantes - prontos para efetivar um trabalho intelectual sem questionamentos,
12 como representantes, a atitude modernista, Toraldo de Lima.

13 De um modo, encontra-se, em todo Brasil, um amplo desinteresse pela ciência, tanto
14 por parte do Estado, quanto por parte da população. A falta de investimentos públicos para desenvolvimento tecnol-
15 ógico - querente pela população. Nesse cenário, degrada-se o desenvolvimento, como a ausência
16 de planejamento territorial, afetação da imaginação nacional. A mentalidade racional e dogmá-
17 tica em questão pode provocar choque entre população e o órgão público que investem em sua
18 realização. Logo, os conflitos podem levar a quebra do contratualismo e, ao caso social,
19 levando a nação ao chamado "estado de anomia" pelo sociólogo Émile Durkheim. Dessa
20 forma, é evidente que a continuidade do ideal racionalista, - e qual valoriza a ciência -
21 é necessário para que o desenvolvimento seja mantido e evite o distanciamento do homem
22 contemporâneo do estado universal degradativo.

23 Portanto, a ciência deve ser vista como instrumento de desenvolvimento e expansão
24 das capacidades da mente humana. Além disso, a manutenção do pensamento racional
25 científico destaca-se como importante na continuidade (e manutenção) do mundo contem-
26 porâneo, impedindo a transformação humana do homem crítico em um Abaporis e, por
27 consequente, choque entre ideias racionais e dogmáticas, ^{o qual pode} ~~em parte, podem~~ desenvolver um
28 processo anômico.

Nota: 40

Científica mente

(Título)

01 Energia elétrica, motor à combustão, Internet, penicilina: os mais di-
02 versos tecnologias existentes são resultado de um processo cumulativo de co-
03 nhecimentos. Portanto, a ciência exerce um papel crucial no mundo con-
04 temporâneo, visto que a sociedade se tornou amplamente dependente de
05 suas próprias criações. Nesse sentido, é notável que os avanços cien-
06 tíficos facilitaram a vida humana, sendo impossível compreender a
07 crescente maltação da ignorância e da estagnação intelectual.

08 Em primeira plano, destaca-se o caráter utilitarista que a ciência
09 adquiriu a partir da Idade Moderna. O conhecimento passou a ser utilizado
10 como um meio para controlar a natureza, adaptando-a às necessida-
11 des humanas. Embora essa luta tenha levado à ampla degradação am-
12 biental verificada na atualidade, ela também possibilitou avanços re-
13 ais, os quais ultrapassam a esfera puramente nacional e acadêmica. A bra-
14 sileira Lina Berra, por exemplo, desenvolveu um filtro à base de luz
15 solar capaz de purificar a água da chuva. Lijovem pretende popularizar a
16 tecnologia no Nordeste do país, aumentando a qualidade de vida na região.

17 Em segunda análise, tem sido observado um insuperável estímulo
18 à passividade e à falta de criticidade, destacando-se o caso do Brasil
19 — o qual passou por "contingenciamento de recursos" para as universidades
20 federais e corte em bolsas de pesquisa. Infelizmente, essa postura conduziu à
21 construção de indivíduos manipuláveis, acríticos e estagnados. Dessa forma,
22 deve-se considerar a importância do conhecimento como base para a evolu-
23 ção cultural, idiossincrasia defendida por filósofos como Lina "Conhecimento, ética e
24 política" e por Oscar Saba no texto "O papel da ciência na sociedade".

25 Com base no exposto, é inequívoco que a ciência exerce um papel cru-
26 cial no mundo contemporâneo. Assim, a curiosidade, a pesquisa e a inó-
27 vação são características inerentes ao "mundo líquido" de hoje, de-
28 vendo ser incentivadas. É preciso resgatar o espírito iluminista do
29 século XVIII e, de uma vez por todas, usar a ciência para ilu-
30 minar os trevas da ignorância e da desinformação.

Redação - FUVEST 2020

Nota: 39.50

Ciência é Teia, Ciência é Pop, Ciência é Tudo

(Título)

No início do século XX, o mundo se encontrava em um clima de euforia e otimismo, alimentado principalmente pelo advento de tecnologias que revolucionaram a época, sendo que esse período, na França, ficou registrado na história como Belle Époque. Entretanto, após o desenvolvimento de armas muito mais devastadoras que outras e da destruição arrasadora decorrente depois de duas grandes guerras mundiais, o otimismo e o descontentamento perante a ciência acabaram por se abaterem, mesmo que o mundo contemporâneo só se sustente e exista por causa dela.

Em primeiro lugar, foge-se necessariamente voluntária que a ciência, assim como a arte, é tanto um elemento quanto um produto cultural, moldando, desde modo, não só uma geração como também todas as que vierem após ela. Nesse sentido, o desconhecimento em relação à ciência de uma pessoa incute a sua personalidade perante a tecnologia e seus avanços como se o indivíduo apenas um estrangeiro em seu próprio mundo, tornando pelo sentimento de alheidade, como Albert Camus relatava em vários de seus obras, por desconheço próprio a acreditar em falácias, inventar e mentir no intuito de nos inserirmos novamente na realidade quando, de fato, nos tornamos ainda mais alheios a ela.

Em segundo lugar, com a imersão da internet e dos mais variados veículos de comunicação, a manipulação de notícias, dados e fontes, movimentos como o Anticorrupção, Terra Plana e outros, mostram por todas as partes gigantesco desdém por uma ciência simples, direta e rápida, mesmo que sem fundamentos, em detrimento das obras de pesquisas de caráter e dos métodos empíricos por ela empregados para comprovar suas hipóteses de modo, contar como "A Religião", de Eça de Queiroz, em que a personagem Papá sente sistematicamente um se imporia com o modo, a ética ou com o compromisso com a verdade, vivendo alheia aquela que tanto abraça, explicitam o momento atual em que muitas figuras públicas falam com a verdade, prejudicando, assim, seu público e paralelamente diminuindo os fatos e realidades indispensáveis de meios científicos.

Por fim, é necessário reconhecer que a ciência não está confinada em laboratórios e restrita a determinada parcela da população quando, na verdade, ela está em todos os ângulos da vida, sendo precisa, objetiva, aproximada, quantitativa e acessível por todos a serem conhecidos nos lugares certos ao invés de repudiar e desvalorizar a ciência, pois quando a fogem, negam aquilo que há de mais belo e precioso na humanidade: o conhecimento.

Nota: 38

A ciência: o contraponto do obscurantismo

(Título)

01 No documentário "A Terra é plana," é relatada a história de algumas pessoas que não do bem terra
02 planetas apesar de viverem em pleno século XXI, que é uma época profundamente marcada pelo avanço da
03 hiper-tecnologia, estas pessoas expressam sua profunda descrença na ciência, que sempre afirmou que a Terra é
04 um globo. ~~Esses~~ Embora estas ideias anti-científicas, em específico, não representem uma real ameaça para a
05 sociedade, no mundo contemporâneo, outros movimentos que promovem o descrédito na ciência, como os anti-vacinas,
06 podem significar grande prejuízo para a população, logo, em uma sociedade marcada pelo anti-cientifis-
07 mo, a ciência tem o papel de evitar que tais movimentos ameacem sua soberania e ganhem notoriedade.

08 Uma ~~uma~~ outra forma de descrença no saber científico recebe o nome de obscurantismo, que engloba o fenômeno
09 destes movimentos anti-científicos de ganharem ainda mais força. Este fenômeno, apesar de ter se fortalecido
10 nos últimos anos, não é uma novidade na história, a primeira vez que representou uma ameaça
11 à sociedade. Exemplo histórico disso é o fato de que, durante sua governança, o ditador soviético Stálin, ao invés
12 de adotar as ideias darwinistas e darwinistas e darwinistas sobre evolução para realizar a planificação de Né-
13 kó, utilizou as ideias de Lamarck, as ideias evolucionistas já haviam sido revogadas. Nesta forma, as
14 ideias foram ruins e Stálin sofreu um período de grande fome na Rússia, o que mostra o prejuízo
15 trazido pelo obscurantismo e a negação da ciência. Portanto, uma vez que as ideias de
16 Lamarck, ao contrário das ideias de Darwin, foram evitadas por tragédia, fica clara que cabe à ciência combater o anti-cien-
17 tismo.

18 Assim, apesar de o mundo contemporâneo basear-se tão integralmente em elementos dependentes da ciência,
19 da arte, da tecnologia e da medicina, um obscurantismo continua presente. Uma prova contemporânea de como esse
20 fenômeno ainda atua em sociedade é a crescente força do movimento anti-vacinas. Este movimento, ao contrário
21 do terraplanismo, representa uma real ameaça para a população, uma vez que a vacinação, para
22 ser eficaz, depende da imunização coletiva, a qual, se comprometida, prejudica o saúde de toda a
23 população inteira. Isso foi facilmente observável em 2019, quando, na cidade de São Paulo, houve um
24 surto de sarampo, doença que divide a vacinação, através quase exclusivamente na cidade. Assim, em tal
25 contexto, a ciência tem o papel de alertar a população sobre o perigo deste movimento e, dessa forma, evi-
26 tar que ele ganhe mais força.

27 Em síntese, a ciência tem o sempre tem o papel de combater quaisquer movimentos que a negam, pois
28 que a sociedade não seja prejudicada. No caso de Nékol, o saber científico seria evitado a favor de um
29 mais inteiro e, no caso de São Paulo, o surto de uma doença. Afinal, o terraplanismo não é o único
30 caso de obscurantismo no mundo contemporâneo.

Redação - FUVEST 2020

Nota: 36.50

A abertura de novos horizontes e novas limitações

(Título)

01 Durante a História da humanidade, houveram diversos períodos de adesão à ciência
02 e ao seu potencial revolucionário. Desses modos, mais recentes como o Iluminismo e
03 o Renascimento demonstraram, uma crença na utilização da razão e ciência para a
04 compreensão e aprimoramento da realidade do período. De maneira análoga, a ciência
05 do distarcio, na contemporaneidade, por permitir o desenvolvimento social a partir
06 de inovações. Entretanto, essa efetividade pode ser questionada, ou a validada, pela sua
07 aplicação à cultura e, ainda, pelo impacto na transformação mundial.

08 Sob essa perspectiva, vivencia-se a necessidade de um vínculo entre a cultura e
09 a ciência para a construção de uma identidade social. Segundo o sociólogo Pierre Bour-
10 dieu, o senso de lugar de um indivíduo é determinado pelo contexto no qual esse
11 está inserido e pelas suas experiências. Logo, a ciência e seu potencial de transformac-
12 ão não se resumem na construção da ciência, pois alteram o ambiente e os hábitos e
13 tentam na sua realidade. Portanto, a relação com a cultura permite a diversifica-
14 ção de novos artifícios que inovam a qualidade de vida e o bem-estar da povo.
15 De modo que possibilita a criação de uma ciência e tecnologia com propósito de aperfeiçoar
16 a vida da população e a formação de uma identidade própria.

17 Todavia, a tecnologia é eficaz apenas quando fundamentada sob uma reflexão am-
18 pla. De acordo com o filósofo Augusto Comte, a ciência tem o poder de mudar o
19 mundo, dependendo da maneira como é utilizada. Esse aspecto é devido à necessidade
20 de se analisar, sob impacto de novas criações sob vários ângulos e marcos. De-
21 monstrando a importância da articulação dos conhecimentos científicos para es-
22 tipular o futuro que a humanidade deve seguir para alcançar o seu bem, evitando
23 notícias falsas e julgamentos prejudiciais, com novos direitos. Isto é, entender que
24 a tecnologia sem responsabilidade pode afetar negativamente a realidade mun-
25 dial, o que vai opor ao seu objetivo inicial, o auxílio.

26 Em síntese, como defendido pelo sociólogo Ulrich Eitzgen: "a sociedade deve arti-
27 cular o que é bom". Por conseguinte, deve articular seu conhecimento e intervenções na
28 contemporaneidade para que a ciência cumpra seu papel na melhoria do panorama
29 mundial, dando novos horizontes e afastando-se do pessimismo maloso à so-
30 ciedade.

Redação - FUVEST 2020

Nota: 36.50

(Título)

01 Desde sempre a ciência tem em sua base a transformação. A partir de i-
02 luminações, suas características progressivamente se incorporaram à cultura e à civi-
03 lização como se conhece hoje, mesmo quando com a resistência de grupos mais con-
04 servadores. Atualmente ela usa a tecnologia, filha da ciência, para dif. altan
05 ainda mais sua evolução e progresso.

06 Assim como no passado, a ciência Contemporânea está associada à evolução da
07 espécie. Na Revolução Médica, os homens descobriram formas de plantar novos, per-
08 mltando sua sobrevivência e socialização definitiva, incorporando ao seu modo de vida.
09 A ciência tem o mesmo caráter desde então; no qual a descoberta de uma tecnologia,
10 capaz de melhorar ou facilitar aspectos da vida das pessoas, culmina no abandono de
11 antigos modos de fazer algo e assimila o novo ao cotidiano. É o caso da Revolução In-
12 dustrial, que trouxe, com a maquinofatura, nova modo de produção. Seu desenvol-
13 vimento não está nas áreas de transporte e comunicação, por exemplo, mas também na
14 estrutura social, no que se refere às maneiras de dominação do pensamento das massas,
15 que ganharam novo modo.

16 Com o advento tecnológico da Internet, os grupos no poder podem fazer as trans-
17 formações de mentalidade e se manter no poder através de rotinas, regras, estruturas,
18 mas a rede social, o pensamento inovador se acentua, e possibilita o surgimento de
19 movimentos que diminuem a ignorância, como os transparentes ou anti-vaci-
20 na. Isso desenvolve o impulso e a curiosidade, base da ciência, ao passo que
21 cria dogmatismos que não mudam as estruturas atuais.

22 Nesse forma, a ciência transforma a sociedade e tecnologia na mesma
23 proporção e mutuamente, por um impulso e outro. Ao longo do tempo
24 as descobertas proporcionam maior dependência das pessoas com tecnologias
25 que é base de transformações. Minoria que está no poder, usam
26 paradoxalmente, os recursos tecnológicos para fazer o pensamento
27 científico, e desse modo se perpetua no poder através do
28 controle de opinião pública.

Redação - FUVEST 2020

Nota: 36.50

Do pensia ao Vale da Ilícia

(Título)

01 A partir da Revolução Copernicana, na qual se propôs o heliocentrismo, a
02 ciência exerceu importante papel na sociedade moderna. A partir do Iluminismo,
03 tornou-se o principal meio utilizado para decidir os rumos da humanidade.
04 Já na mundo contemporânea, uma relação dialéctica entre ciência e con-
05 sumo popular ganha força com a divulgação de ideias não científicas. No anten-
06 to, trata-se de uma simples conclusão errônea, visto que a ciência científica
07 é inerente à evolução humana e essencial para a atual economia.

08 Em primeiro lugar, a observação e experimentação, métodos usados pela ciência,
09 são realizados pela humanidade desde sua origem. As ondas do mar, as condi-
10 ções climáticas mudam e novas necessidades surgem. Para garantir sua
11 sobrevivência, a humanidade criou diversas técnicas para adquirir
12 alimentos e recursos. Mesmo em sociedades religiosas, o conhecimento em-
13 pírico foi essencial, a exemplo da física, da química, da medicina e experimen-
14 tal para duplicar a produção humana. Com isto, a ciência científica
15 sempre foi importante para a sociedade.

16 Por meio do Capitalismo Internacional, a ciência também ganhou protagonismo
17 na economia. Na atualidade, não há como desenvolver países que pro-
18 duzam tecnologia e conhecimento. Há necessidade de vontade metodológica de
19 se obter melhores e mais modernos produtos. Por isso, sempre haverá
20 cada vez mais em pesquisa; dessa forma é o Vale da Ilícia, principal
21 centro de desenvolvimento econômico e que conta com uma lucratividade
22 extraordinária. Estados que correm no sentido contrário à produção cientí-
23 fica e negam sua existência são estes opostos ao próprio desenvolvimento.

24 Portanto seja na produção agrícola, médica ou nos grandes centros
25 de pesquisa a ciência é necessária para que a sociedade se adapte a sua
26 realidade. Para Francis Bacon, importante filósofo empirista, "conhecimento
27 é poder"; não importa qual seja. Até mesmo a senso comum foi por-
28 mulada com base em raciocínio e dedução, mesmo de experiência. Sendo
29 assim, pensamento popular e científico possuem aspectos que podem auxiliar
30 de maneira mútua no entendimento do mundo.

Redação - FUVEST 2020

Nota: 33

A importância da ciência no mundo contemporâneo
(Título)

01 O desenvolvimento do Iluminismo e o crescimento do número de adeptos ao Empirismo, ao longo da Idade Mo-
02 derna, foram processos essenciais para a elaboração de uma metodologia científica capaz de assegurar a confiabi-
03 lidade das pesquisas desenvolvidas a partir de dados. Entretanto, ainda que consolidada, a ciência passou a ser question-
04 ada por diversos setores da sociedade que a acusaram de manipular e limitar o conhecimento das pessoas. Esse fenô-
05 meno, não só ganhou força com o avanço dos meios de comunicação, na Idade Contemporânea, mas também foi
06 institucionalizado, na medida em que lideranças políticas tornaram-se expoentes desse discurso em diversos países.
07 Nesse sentido, é essencial que se discuta o papel da ciência no mundo contemporâneo para evitar que esse por-
08 camento ganhe mais popularidade e, conseqüentemente, possa assegurar o conhecimento coletivo.

09 Em primeiro lugar, a divulgação de dados que revelaram o aumento do número de focos de incêndio na Amazônia,
10 em 2019, pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), retrata a importância da ciência na investigação
11 dos impactos das atividades humanas sobre o meio ambiente. Nesse contexto, além de ressaltar a carência de políticas
12 públicas efetivas acerca da conservação ambiental, a ação dos pesquisadores alerta a sociedade sobre os efeitos de
13 problemas como o aquecimento global e o esgotamento dos recursos naturais. Ademais, a produção científica faz-se
14 fundamental para o desenvolvimento de técnicas agrícolas menos nocivas à natureza e para a criação de meca-
15 nismos capazes de atenuar a emissão de gases poluentes por veículos e por indústrias.

16 Por outro lado, de acordo com o psicanalista austríaco, Sigmund Freud, a fragilização da ciência favorece a
17 formação de indivíduos alienados, o que corresponde a um quadro no qual a vítima perde a capacidade de reconhecer
18 o seu papel no mundo e de se mobilizar diante da realidade, de modo a se tornar refém de um status quo caracterizado
19 pela manipulação externa. Assim, o desestímulo à atividade científica proporciona a constituição de um desinteresse
20 coletivo quanto à educação e às atividades culturais. Esse processo, além de produzir uma sociedade despreocupada para
21 as demandas do mundo contemporâneo, estabelece uma violação do texto constitucional na medida em que começa
22 a padronizar educacionalmente delimitada.

23 Dessa forma, embora o Iluminismo e o Empirismo tenham contribuído para a consolidação da ciência, as des-
24 fias impostas pela realidade e o desenvolvimento dos meios de comunicação estimularam a popularização de um dis-
25 curso contrário a essa atividade, o que tornou necessária a discussão do papel da ciência no mundo contemporâneo. Nesse
26 viés, a realização de pesquisas que retratam a destruição do meio ambiente e o agravamento do aquecimento global, como
27 se observou nos dados divulgados pelo INPE em relação à Amazônia, é crucial para a criação de técnicas e estratégias
28 de conservação ambiental. Em contrapartida, segundo Freud, o fortalecimento da atividade científica é importante para evitar
29 a formação de indivíduos alienados, uma vez que esse processo estimularia atividades culturais e educacionais. Por meio disso,
30 o texto constitucional e a produção de conhecimento seriam assegurados e efetivados na sociedade contemporânea.

Redação - FUVEST 2020

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer, primeiramente, a todos da turma 19 que colaboraram e nos enviaram dados para que pudéssemos elaborar este documento.

Além disso, somos muito gratos a todos e todas que nos incentivaram e nos apoiaram: mensagens motivacionais e sugestões foram essenciais para que continuássemos com a elaboração desta iniciativa.

Gostaríamos de reforçar que o perfil dos estudantes de Relações Internacionais da USP está se tornando mais diverso e novas demandas surgem de acordo com suas realidades e necessidades. Sendo assim, um dos intuitos deste documento é o de conhecer um pouco mais a turma dos calouros de 2020 e, dessa forma, abrir espaço para reflexão a respeito da construção de um lugar cada vez mais acolhedor e representativo.

Esperamos que este documento tenha ajudado e incentivado mais gente a, apesar de diversas circunstâncias, continuar com o sonho de estudar na USP e, mais especificamente, no IRI!

Para saber mais

Confira todas as cartilhas sobre Relações Internacionais na USP em nossa pasta no [Drive!](#)

Lá você poderá encontrar informações sobre:

- O desempenho dos alunos da T19 nos vestibulares;
- O perfil dos estudantes da turma ingressante em 2020, as visões da T19 sobre os vestibulares, com alguns depoimentos sobre a vida de vestibulando e alguns espelhos de redações (esta cartilha);
- O curso de RI e o IRI.